

manual

do educador

material

educativo e

didático

complementares

a exposição

comemorativa

do centenário

da morte do

visionário do

estado judeu

# Herzl:

Pessoalmente e de Perto

em busca da visão Sionista



Departamento de Atividades Sionistas  
Organização Sionista Mundial



**Escrito por Matt Plen**

**Equipe Editorial**  
**Dr. David Breakstone**  
**Steve Israel**  
**Shira Steinitz**  
**Ariella Zeevi**



Um projeto do  
Museu e Centro Educacional Herzl  
Departamento de Atividades Sionistas  
Organização Sionista Mundial

**Jerusalém 2004**

doingzionism@jazo.org.il  
www.doingzionism.org  
tel. +972-2-620-2134  
fax +972-2-620-4182

# H

## erzl - Pessoalmente e de Perto

### Prefácio

Theodor Ze'ev Biniamin Herzl: visionário do Estado judeu, fundador e líder das instituições que o tornaram uma realidade.

Sua vida durou uns escassos 44 anos e ele dedicou apenas os últimos nove anos dela à causa sionista. Mas neste breve e extraordinário período de menos de uma década, ele foi capaz de mobilizar as forças e forjar a infra-estrutura que iria revolucionar o mundo judeu e concretizar o antigo sonho do povo judeu do retorno a Sião.

Herzl sabia da profundidade e da imensidade da missão na qual tinha embarcado com tanta paixão. Imediatamente depois do primeiro Congresso Sionista em 1897, ele declarou no seu diário:

*Na Basiléia, fundei o Estado Judeu. Se eu disser isto hoje em voz alta, seria recebido com risos em todos os lugares. Em cinco anos, talvez, e certamente em cinqüenta anos, todos o reconhecerão.*

Meio século depois, realizando sua profecia, surgiu o Estado de Israel.

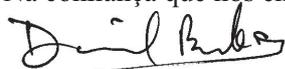
- Quem foi este homem que ousou sonhar?
- Em quais circunstâncias vivia, quais as influências na sua vida o levaram à conclusão que a única solução para a questão judaica era um Estado judeu?
- Como foi capaz de convencer os outros da natureza prática de sua causa improvável?
- Quais os obstáculos e desapontamentos que iria enfrentar na sua fervente luta para assegurar um lar para o povo judeu, e como ele iria perseverar apesar deles?
- Como, de fato, iria parecer um lar nacional judaico na visão de Herzl – e como as realidades contemporâneas se medem em relação aos projetos de 100 anos atrás?
- Como entendemos a essência do sionismo hoje? De que maneira ele continua a ser relevante em nossas vidas?
- Como continuamos a encontrar os desafios e cumprir a promessa da visão de Herzl?

**Herzl: Pessoalmente e de Perto** foi criado para engajar uma nova geração na exploração destas perguntas. A introdução deste livreto declara que seu objetivo é “envolver os participantes num diálogo entre o passado e o presente judeu”. Mas isto é apenas o começo. Finalmente, o objetivo deste diálogo é preparar o participante a contribuir e forjar o futuro judeu de acordo com uma visão formada por ideais, enriquecida por uma compreensão da história, temperada com uma dose da vida prática de hoje e dirigida pela paixão.

Este é o desafio e este é o padrão que Herzl estabeleceu para os que estão preocupados com a continuidade judaica. Este é o legado e agora ele é nosso para abraçar. Não há maneira melhor de prestar homenagem ao visionário do Estado judeu no 100º aniversário de sua morte do que fazer da causa judaica que ele galvanizou a nossa própria.

Desejamos a você uma jornada bem sucedida ao iniciar uma busca da visão sionista. Ecoando as palavras do Rabbi Nachman de Breslav, temos certeza que onde quer que ela o leve, ela o trará para a Terra de Israel.

Na confiança que nos encontraremos ano que vem em Jerusalém,



Dr. David Breakstone

Chefe do Departamento para Atividades Sionistas

Organização Sionista Mundial

Theodor Herzl faleceu em 1904, com 44 anos. Durante os oito anos que precederam a sua morte, Herzl escreveu suas obras ideológicas seminais *O Estado Judeu* e *Altneuland (Velha Terra Nova)*, iniciou o primeiro Congresso Sionista, fundou a Organização Sionista Mundial e lançou o movimento nacional judaico no palco mundial. Sua declaração, feita em 1897 no seu diário, que “Na Basileia fundei o Estado Judeu” era ao mesmo tempo hiperbólica e profética. Se Herzl não tivesse existido, o Estado de Israel poderia ainda ter sido criado, mas é difícil questionar seu papel central na formação do sionismo moderno.

O mundo judeu de hoje é muito diferente daquele conhecido por Herzl. O povo judeu em fins do século XIX estava na sua maior parte localizado na Rússia e no leste da Europa. Milhões de judeus sofriam opressão, pobreza e explosões periódicas de ataques antijudaicos. Comunidades menores da Europa ocidental teoricamente usufruíam da igualdade de direitos mas sofriam de discriminação institucionalizada e níveis epidêmicos de assimilação. No mundo islâmico – quase desconhecido por Herzl – os judeus viviam sob vários níveis de tolerância e perseguição. Não havia um Estado de Israel, e o mundo judeu ainda viria a sofrer os horrores da *Shoá* (Holocausto).

Cem anos depois, a grande maioria dos judeus vive em Israel ou na América do Norte. Judeus em todo o mundo – com poucas exceções – atingiram a igualdade social e política e a oportunidade de uma prosperidade econômica. Israel é um Estado soberano com uma maioria judia. Mas se os problemas são diferentes, eles não desapareceram. Israel enfrenta graves desafios sociais, culturais e militares, os judeus da diáspora vivem sob a sombra de novas facetas do antisemitismo e com o desafio de manter uma identidade distinta numa era cosmopolita.

O 100º aniversário da morte prematura de Herzl é uma oportunidade para não apenas olhar para o passado e avaliar suas realizações e as do movimento que ele fundou, mas também estudar e discutir o estado do povo judeu e do sionismo em nossos dias.

**Herzl: Pessoalmente e de Perto**, tem o objetivo de envolver os participantes num diálogo entre o passado e o presente. *O passado* está representado por Herzl e o mundo judaico *do fim do século*. Os participantes explorarão os temas e os dilemas que emergem da vida e dos escritos de Herzl e da história e ideologia do início do sionismo. *O presente* se refere às questões contemporâneas de identidade, segurança e cultura enfrentadas por Israel e pelos judeus ao redor do mundo.

Este tipo de diálogo explora minuciosamente a questão. A nossa meta é aprender sobre Herzl, renovar perguntas que servem apenas como estopim para discussões? Ou nosso objetivo real é discutir temas pessoais relevantes de valores e identidade, com o material histórico proporcionando textos interessantes de estudo, mas não tendo nenhuma importância intrínseca?

Neste caso, ambas metas são válidas. Por um lado, este programa permite aos participantes adquirir conhecimentos e entrar em contato com materiais previamente desconhecidos. De outro lado, ele permite a eles questionar e explorar temas significativos de uma forma pessoal e aberta. Cada um destes estilos de aprendizado reforça e encoraja o outro.

Em uma das atividades, por exemplo, os participantes estudam a atitude de Herzl para com o antisemitismo, discutindo suas experiências com o problema à luz das suas idéias. Este processo não só enriquece a discussão contemporânea, como também encoraja os participantes a enfrentar e avaliar as reivindicações de Herzl.

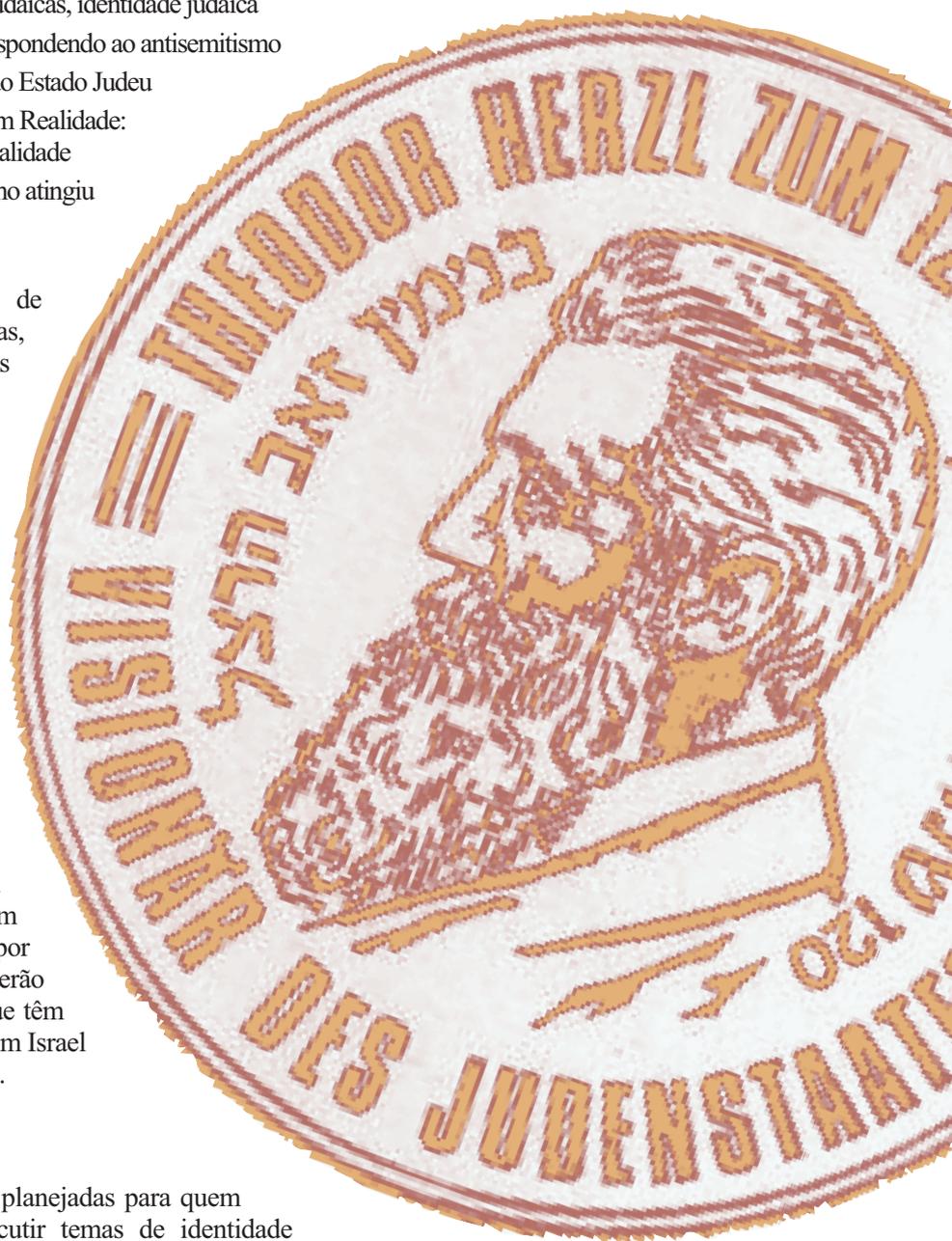
**Herzl: Pessoalmente e de Perto** convida os participantes a reforçarem seus elos com o passado judaico ouvindo como ele fala sobre preocupações contemporâneas. Colocando questões pessoais e atuais numa profunda perspectiva histórica, os participantes poderão aguçar os conhecimentos de si próprios, de suas comunidades, de Israel e do povo judeu.

Este processo de aprendizado está baseado em cinco temas centrais:

- A Infância de Herzl: trajetórias judaicas, identidade judaica
- Transições e Transformações: respondendo ao antisemitismo
- Projetos de Utopia: o judaísmo do Estado Judeu
- Desejando que Sonhos se Tornem Realidade: traduzindo a visão sionista em realidade
- Checando a Realidade: o sionismo atingiu seus objetivos?

Os temas são tratados dentro de atividades educacionais estruturadas, cada uma das quais incluindo metas claras, instruções para o facilitador, atividades de aprendizado, textos de estudo e questões para dirigir as discussões.

As atividades educacionais de Herzl: Pessoalmente e de Perto foram projetadas como um todo coerente, junto com uma exposição que a acompanha. O impacto do programa será maximizado com a visita a exposição e com os participantes atuando em todas as cinco atividades. Entretanto, as unidades são autônomas e podem ser desdobradas de forma independente. Elas não dependem de conhecimentos anteriores por parte dos participantes, mas serão mais significativas para aqueles que têm familiaridade e estão envolvidos com Israel e com temas comunitários judaicos.



As atividades neste pacote foram planejadas para quem está motivado a aprender e discutir temas de identidade pessoal, povo judeu e sionismo. Elas são apropriadas para adultos de todas as idades. Elas foram projetadas para serem usadas como ferramentas facilitando e capacitando os professores nos trabalhos de grupo ou educação informal, e devem ser realizadas em grupos pequenos de não mais de vinte participantes.



# Jornadas Judaicas, Identidade Judaica.

## Introdução

O que modela nossa identidade como judeus? Por um lado, ser judeu é uma questão de escolha no mundo moderno. Os judeus modernos estão livres para decidir como e em qual medida o fato de serem judeus influencia suas crenças, costumes e estilo de vida. No entanto ser judeu não é exclusivamente um produto de uma decisão autônoma. As decisões de uma pessoa sobre sua identidade judaica são formadas pelo seu lar, educação, exigências da vida social e profissional e – muito freqüentemente – por experiências de hostilidade e mesmo antisemitismo. Embora sua vida estar historicamente – e talvez geograficamente – longe da nossa, a identidade judaica de Theodor Herzl foi formada por muitos dos mesmos fatores que influenciam os judeus de nossos dias.

Nesta atividade, os participantes traçam sua própria jornada judaica, destacando as experiências – tanto positivas como negativas – que tiveram impacto na sua identidade judaica e perguntando quais destas experiências reforçaram ou enfraqueceram seus elos com o judaísmo. Comparando suas conclusões com algumas das experiências significativas de judaísmo na vida de Herzl, os participantes discutirão experiências de antisemitismo e outros fatores que poderiam ter ocasionado a sensação incômoda ou indesejada como judeus. Ao mesmo tempo, este exercício destacará os eventos, incidentes e oportunidades que causaram um sentimento orgulhoso e positivo sobre seu judaísmo. Desta forma, os participantes desenvolverão alguma introspecção dos processos sócio-psicológicos da formação de identidade, ao enfrentar um tema maior que por muito tempo preocupou Herzl, e que ainda permanece relevante hoje como era então: o relacionamento dos judeus da diáspora com suas sociedades anfitriãs.

## Metas

- Explorar as experiências que formaram as identidades judaicas dos participantes
- Investigar a tensão entre ingredientes judaicos e não-judaicos da identidade pessoal e discutir possíveis meios de lidar com ela.
- Entender como a identidade judaica de Herzl foi formada pelo seu meio cultural, incluindo suas experiências de antisemitismo, e enriquecer a compreensão dos participantes sobre suas próprias identidades sob este foco.

## Sumário

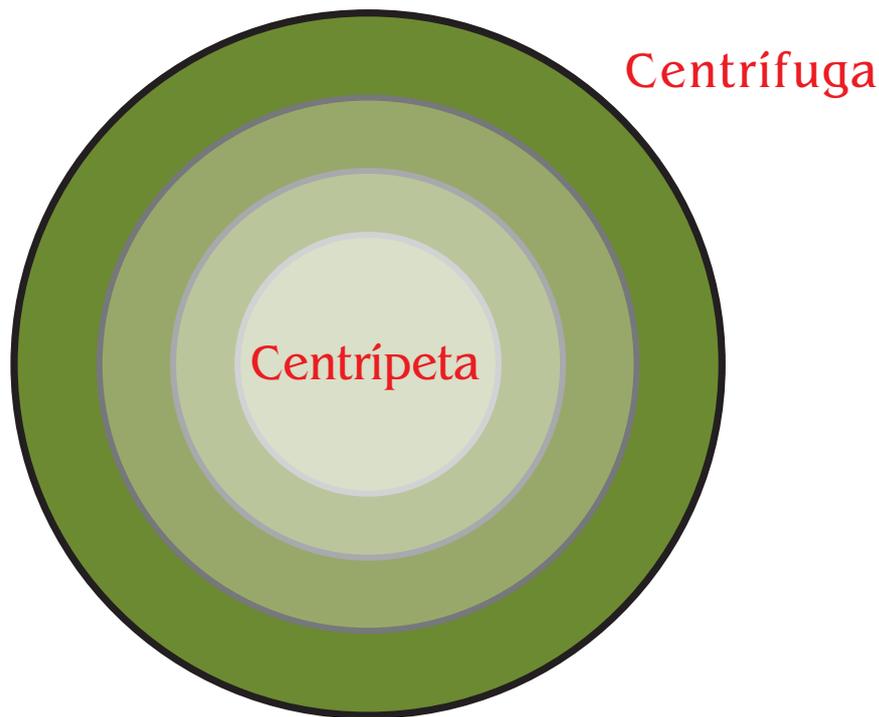
### Nesta unidade os participantes:

- Escreverão e partilharão as experiências que formaram suas identidades judaicas
- Estudarão um artigo contendo uma teoria da formação da identidade judaica
- Analisarão e discutirão suas experiências e identidades judaicas baseados nesta teoria
- Aprenderão sobre a “jornada judaica” de Herzl, estudando extratos de seu diário

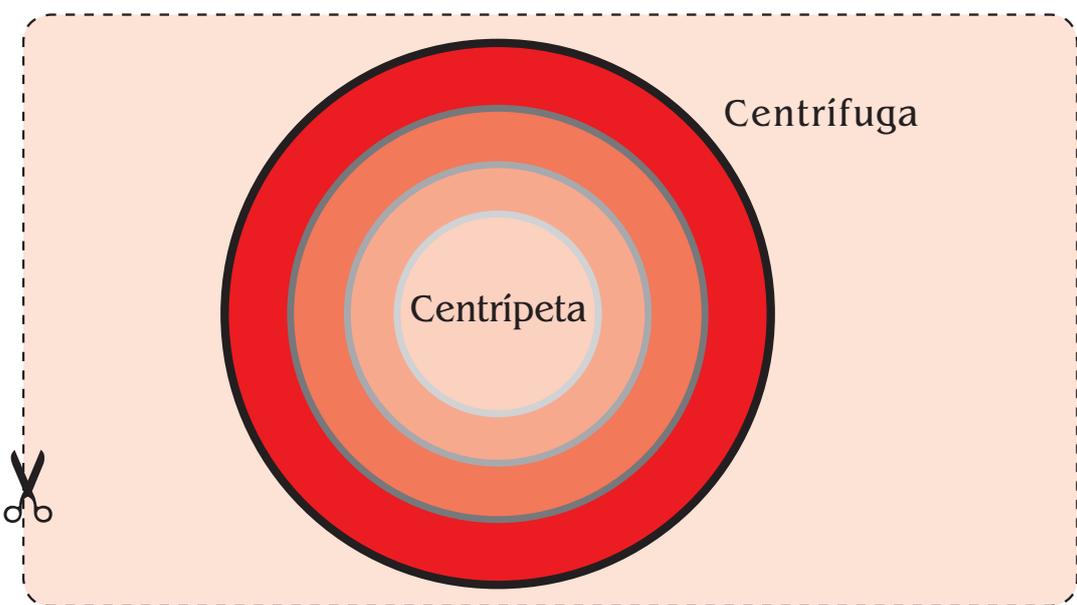
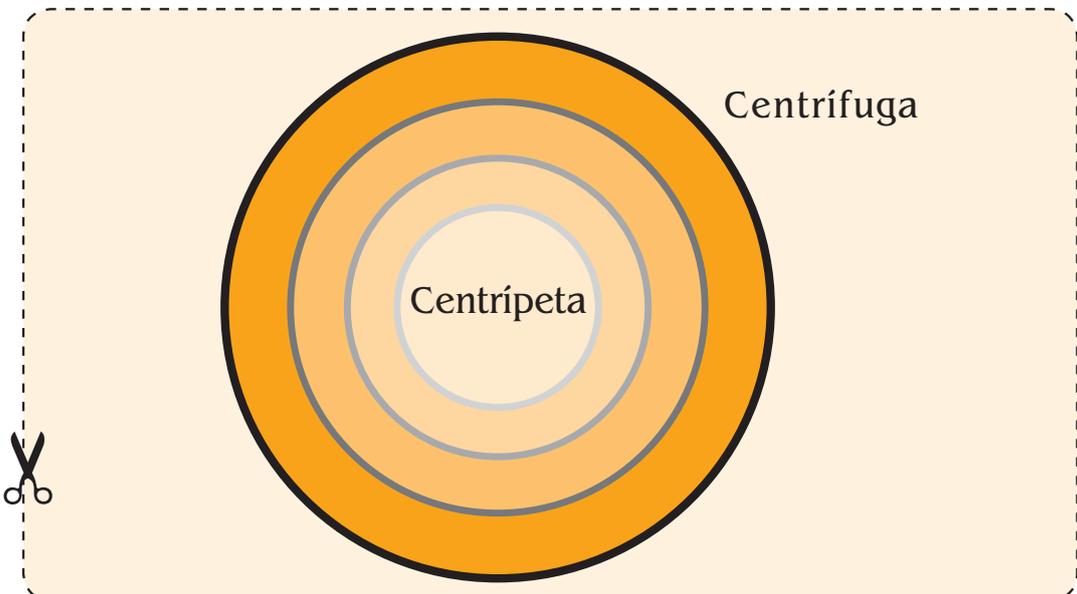
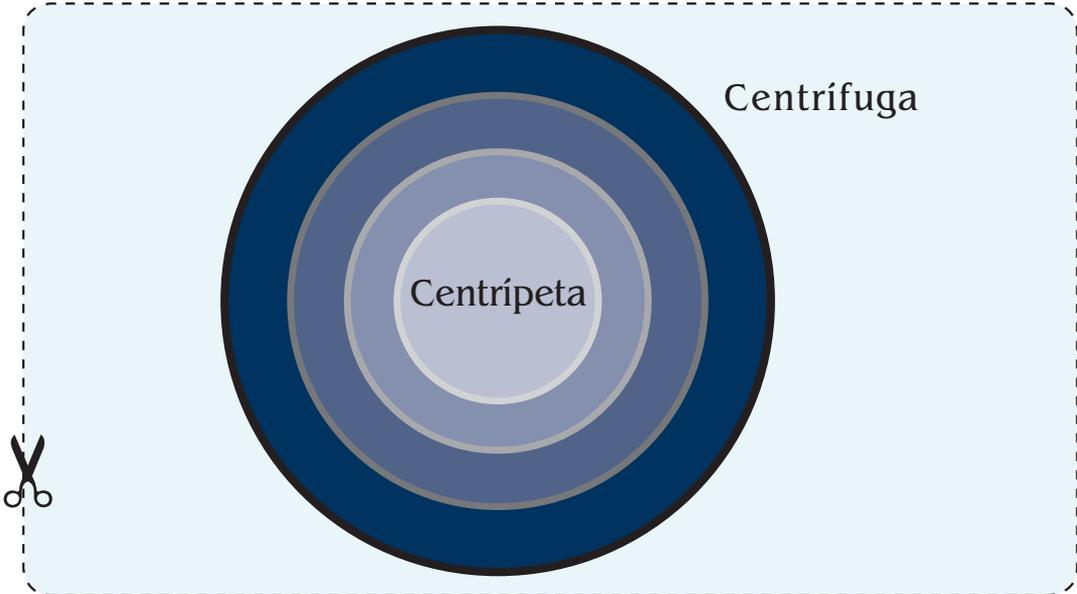
## Instruções ao facilitador

1. Se possível, os participantes devem vir ao primeiro encontro depois de terem escrito três ou quatro registros imaginários de diário que possam proporcionar a um biógrafo uma visão das experiências que contribuíram a eles se sentirem como judeus. Se não, os primeiros minutos da sessão devem ser reservados para que escrevam algumas experiências-chave que formaram sua identidade judaica.
2. Abra a sessão pedindo a cada participante que leia em voz alta uma ou duas experiências-chave de seus “registros no diário”. Quando apropriado, e sem interromper o fluxo das histórias, peça aos participantes que comentem sobre as maneiras como as experiências reforçaram e/ou enfraqueceram as suas identidades judaicas.

3. Explique que o objetivo desta atividade é analisar as experiências que formam nossas identidades judaicas. Distribua o trecho do artigo de Simon Herman (pág. 11) e peça a um dos participantes para o ler em voz alta. Herman escreve que uma força humana básica é a necessidade de pertencer. Neste contexto, ele distingue entre forças centrífugas e centrípetas na formação da identidade judaica: os fatores que encorajam os judeus a se identificar como tal, e os fatores que militam em favor da identificação com a cultura circundante.
4. Os participantes agora recebem uma página (pág. 9) e caneta. Eles devem registrar três ou quatro experiências-chave na formação de sua identidade judaica numa escala, se estendendo do centro de um círculo em direção à circunferência: em qual medida cada experiência foi centrífuga ou centrípeta?



5. Leve o grupo a uma discussão, na qual os participantes partilham e discutem os resultados deste exercício e dirijem-se às seguintes perguntas:
  - Que tipos de experiências têm um efeito centrífugo na sua identidade judaica, empurrando você para longe de uma identificação judaica?
  - Que experiências tiveram um efeito centrípeta, reforçando seus elos com o judaísmo e a comunidade judaica?
  - Que tensões e contradições existem entre a identidade judaica e a identificação com sua cultura nacional?
  - Como você se sente e como trata destas tensões?
  - Em quais situações você experimentou hostilidade ou desconforto em consequência de ser judeu, seja por razões objetivas ou subjetivas? (Estas situações podem incluir saber sobre antisemitismo através da mídia ou relatórios de segunda-mão, assim como experiências pessoais).
  - Que impacto tiveram estas experiências na sua identificação judaica?
  - Até que ponto as suas experiências pessoais refletem-se no relacionamento entre sua comunidade e a sociedade em geral?



6. À luz da discussão, os participantes aprendem sobre a jornada judaica de Herzl lendo os trechos extraídos de seu diário. Peça aos participantes para se dividirem em grupos de 2 a 4 pessoas. Sua tarefa é:
  - ↘ Ler cada trecho do texto anexo (“A Jornada Judaica de Herzl” – págs. 12-13).
  - ↘ Compreender como Herzl se sentia sobre ser judeu na época e o que o fez sentir-se assim.
  - ↘ Imaginar como experiências similares os fariam se sentir.
  - ↘ Esboçar as experiências de Herzl do anexo a partir da seção 4.
  
7. Reúna o grupo e peça aos participantes para comentar sobre as semelhanças e as diferenças entre a jornada judaica de Herzl (suas experiências formativas e como ele reagiu a elas) e as deles próprios.

**Peça a eles que considerem as seguintes perguntas:**

  - ↘ Simon Herman fala de judeus autênticos, não-autênticos e marginais. Quais destes rótulos se aplicam a Herzl?
  - ↘ Como estas etiquetas se aplicam a você e seus amigos, colegas e familiares?
  - ↘ O que explica as diferenças entre vocês?
  - ↘ Herzl chegou a se sentir parte de – nas palavras de Herman – “um grupo minoritário estigmatizado socialmente”. Esta é uma denominação apropriada para a comunidade judaica da qual você faz parte?
  
8. Como conclusão, peça que os participantes considerarem as implicações desta sessão em termos de identidade judaica na sua própria comunidade. Como abordar ou que forças políticas podem adotar os indivíduos, as famílias e a comunidade para nutrir o desenvolvimento positivo da identidade judaica?

De: "Identidade judaica: uma perspectiva sócio-psicológica"

Por Simon N. Herman (Nova Iorque, 1977)

Pertencer a um grupo minoritário estigmatizado socialmente tem geralmente graves implicações sócio-psicológicas.

Este é particularmente o caso de um grupo tal como os judeus que ocupam uma posição singular em qualquer sociedade onde se encontram...

Alguns judeus podem prontamente aceitar a sua sociedade e tudo o que isto acarreta, aceitando como uma marca de distinção, mesmo que sujeito a certas dificuldades. Eles sabem onde estão, e pertencer a um grupo ao qual consideram como desejável aumenta sua auto-estima. Outros judeus podem considerar a sociedade como um estigma e podem desenvolver sentimentos de inferioridade sobre seu judaísmo. Mas geralmente não podem escapar dele; eles podem apenas negar através de um ato formal de conversão, mas mesmo assim suas origens judaicas não serão para sempre esquecidas pelos seus vizinhos gentis (e serão também lembradas por judeus em certas situações). Num sentido, tal indivíduo está tentando rejeitar parte de si mesmo.

Jean-Paul Sartre descreveu a dificuldade psicológica do que ele denominou de judeu "não-autêntico". Ao contrário do judeu "autêntico", que procura "viver a plenitude de sua condição como judeu", o judeu "não-autêntico" nega ou tenta escapar dela. "Sempre que empenhava-se na condição de afastar-se da realidade judaica, ele sentia que foi aceito como judeu e a todo momento é respeitado como tal. Sua vida entre os cristãos não lhe traz o anonimato que procura; particularmente, é uma tensão perpétua".

Um judeu tunisiano, Albert Memmi, agora residente na França, depois de pessoalmente provar a amargura da dificuldade descrita por Sartre, retornando ao seu povo, observa: "Descobri que não é fácil deixar de ser judeu e que a auto-rejeição não resolve nada... O resultado neto foi, ao contrário, uma constante autocontradição, uma verdadeira e dolorosa distorção de todo o ser que me isolava, me apontava com maior força do que as acusações de outros". Ele continua contando sobre sua decisão: "Decidi que de ora em diante eu diria aos outros e a mim mesmo: Sim, sou judeu - e agora? Sim, de alguma forma e em vários pontos sou diferente dos meus concidadãos, de outros homens".

No espaço vital de qualquer grupo minoritário existem forças que levam à uma identificação positiva com ele por parte de seus membros e outros que gravitam para a maioria. Entre aqueles que permanecem suspensos entre os dois grupos, os chamados "marginais", que não se reconciliam com pertencer a uma minoria e ao mesmo tempo não podem se juntar à maioria porque existem barreiras no seu caminho de entrada. A marginalidade é freqüentemente acompanhada de sentimentos de isolamento e insegurança, como os refletidos nas seguintes palavras de uma judia russa (Larissa Bogoraz): "Quem sou eu agora? Quem eu sinto que sou? Infelizmente, não me sinto como uma judia... Estou acostumada à cor, ao cheiro, aos sons da paisagem russa, assim como à língua russa, ao ritmo da poesia russa. Reajo a tudo o mais como uma estrangeira... Entretanto, não, não sou russa. Sou uma estrangeira hoje nesta terra. E não desejo este destino às minhas crianças e netos".



### A Jornada Judaica de Herzl

Theodor Herzl nasceu em 1860 em Budapeste. Sua família mantinha um envolvimento judaico nominal, embora participassem de uma sinagoga liberal (reformista), enviaram Theodor à uma escola judaica e asseguraram que fizesse bar-mitzvá. Com a mudança para Viena, Herzl imergiu no reino da cultura germânica, estudou na Universidade de Viena e logo depois de se formar se tornou um jornalista. Em 1881, Herzl foi enviado a Paris como correspondente do diário liberal vienense, o *Neue Freie Presse*. Durante estes anos, a atenção de Herzl se voltava cada vez com mais força para o problema do antisemitismo e a “Questão Judaica”, como refletido nos extratos de seu diário abaixo.

Deve-se notar que a experiência de Herzl com o judaísmo não era exclusivamente negativa. O seguinte parágrafo de *Altneuland* sugere um elemento mais positivo na sua educação judaica. Friedrich, o protagonista da novela e o alter ego de Herzl, observa Jerusalém pela primeira vez:

“‘Jerusalém!’ exclamou Friedrich meio sussurrando, sua voz tremendo. Ele não entendia porque a visão desta cidade estranha o afetava com tanto poder. Era a memória de palavras ouvidas na tenra infância? Em passagens de preces murmuradas pelo seu pai? Memórias de serviços de *Seder* de longos anos esquecidos se agitavam nele. Uma das frases que ele ainda sabia que soavam em seus ouvidos: ‘Leshaná habaá b’Yerushalaim’ - Ano que vem em Jerusalém! Repentinamente viu-se como um menininho indo à sinagoga com seu pai... E aqui ante ele as muralhas de Jerusalém se erguem na fraca luz da lua. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ele parou de súbito, com as lágrimas quentes escorrendo devagar sobre sua face”.



**Extratos do Diário de Herzl, 1895**

1. Quando eu exatamente comecei a me preocupar com a questão judaica? Provavelmente quando ela cruzou meu caminho pela primeira vez. Certamente lendo o livro de Dühring (Eugen Dühring estava entre os pioneiros de um novo antisemitismo racial em fins do século XIX; Herzl leu seu livro quando ainda na universidade)... No curso dos anos sucessivos a questão me puxava e me envolvia, me atormentando e me deixando profundamente infeliz. Na realidade, eu sempre retornava a ela quando minhas experiências pessoais - as alegrias e as tristezas - me erguiam a um plano mais elevado.
2. A princípio, a questão judaica me atormentou-me amargamente. Houve talvez uma época em que eu com alegria teria pulado para algum canto do mundo cristão. Mas, de qualquer maneira, isto foi apenas o vago desejo nascido de uma fraqueza de adolescente. Pois eu posso dizer a mim mesmo, com a franqueza requerida neste diário - que seria completamente desprezível se eu fosse hipócrita comigo mesmo - que eu nunca pensei seriamente em me batizar ou mudar meu nome. Esta última possibilidade pode ser provada por um incidente. Quando eu era um escritor iniciante, trouxe um manuscrito ao *Deutsche Wochenschrift* de Viena. O Dr. (Heinrich) Friedjung me aconselhou a adotar um nome de guerra menos judeu que o meu. Eu recusei com firmeza, dizendo que continuaria a manter o nome de meu pai, me oferecendo a retirar o manuscrito. Friedjung o aceitou, no final das contas.
3. Até agora eu tinha ouvido com meus próprios ouvidos o grito de "Hep, Hep!" [um grito anti-judaico tradicional] apenas duas vezes. A primeira vez foi quando eu passava por Mainz, em 1888. Eu entrei num cabaré barato e bebia uma cerveja. Quando eu estava saindo, forçando meu caminho através do barulho e do movimento na porta, um rapaz chamou "Hep, Hep!" atrás de mim. Ao redor dele surgiu um coro de chacotas...
4. A segunda vez foi em Baden, perto de Viena [em 1894]... Eu me dirigia para Baden, de encontro à noite. Quando meu taxi entrou no túnel atrás da Capela Cholera avistei dois jovens, um deles com o uniforme de cadete, que estavam passando. Eu acredito que estava imerso em pensamentos. Então, ouvi perfeitamente um grito que vinha por trás da carruagem: "Saujud (judeu porco)!"  
  
Fiquei enfurecido. Virei-me amargamente na direção dos dois jovens, mas eles já estavam muito distantes. Mas logo também meu impulso de brigar com rapazes de rua desapareceu. Além disso, não tinha havido afronta pessoal, pois eles não me conheciam: o insulto tinha sido dirigido ao meu nariz judeu e barba judia, que eles tinham percebido na semi-escuridão atrás da lanterna do taxi.
5. Eu... consegui aqui (em Paris) uma atitude mais livre e mais voltada para o antisemitismo, o qual não sofri de maneira direta. Na Áustria ou na Alemanha, eu constantemente tinha medo de alguém gritar "Hep, Hep!" para mim. Mas aqui eu passeio pela multidão sem ser "reconhecido".
6. A Terra Prometida, onde podemos ter narizes tortos, barbas pretas ou ruivas e pernas bambas, sem ser detestados por isto... De modo que o grito ofensivo de "Judeu" possa se tornar um chamado honrado, como alemão, inglês, francês - em suma, como todos os povos civilizados.

Fonte: Os Diários de Herzl, editados e traduzidos ao inglês por Marvin Lowenthal (Nova Iorque, 1956)



# Respondendo ao antisemitismo

## Introdução

O início do século XXI tem visto um ressurgimento de hostilidades anti-judaicas, dirigidas tanto ao Estado de Israel como aos judeus na diáspora. Às vezes elas surgem em forma verbal ou cultural, outras vezes, elas irrompem em violência. Menos de sessenta anos depois da *Shoá* (Holocausto) o povo judeu enfrenta os desafios de responder à uma nova onda de antisemitismo.

Como enfrentar este desafio? Uma maneira é os judeus conservarem a cabeça abaixada, baixando de perfil e se apoiando nas autoridades para tratar do problema. Outra possibilidade é enfrentar o assunto diretamente, endereçando os parlamentos, escrevendo cartas à imprensa e organizações de demonstrações, protestando contra ataques a judeus e ao Estado de Israel. Algumas pessoas acreditam que uma resposta apropriada seria reforçar o trabalho educacional e cultural judaico, fomentando nos jovens uma identidade firme que proporciona um significado em ser judeu, permitindo a eles resistir à hostilidade. Herzl, claro, é melhor conhecido pela sua proposta alternativa: evacuar a diáspora e estabelecer um Estado onde os judeus não mais sofreriam antisemitismo.

Esta atividade oferece aos participantes uma oportunidade de avaliar estas respostas ao antisemitismo e perguntar se – e como – a estratégia sionista de Herzl é relevante hoje em dia.

## Metas

- Tornar-se familiarizado com informações básicas sobre o antisemitismo no mundo judeu contemporâneo.
- Debater sobre como o povo judeu deveria reagir a estes assuntos.
- Aprender sobre a “questão judaica” no final do século XIX e entender como o caminho de Herzl evoluiu no tempo, tanto em termos de seu diagnóstico como na sua solução do problema.
- Discutir reações pessoais à solução proposta por Herzl para o problema judaico.

## Sumário

### Nesta unidade os participantes

- Estudarão itens da imprensa sobre antisemitismo contemporâneo em pequenos grupos e relatar suas conclusões
- Discutirão e avaliarão estratégias de resposta ao antisemitismo
- Estudarão a compreensão de Herzl sobre o antisemitismo e sua crescente reação a ele, baseados nos seus escritos
- Discutirão a solução de Herzl e sua relevância na situação atual do povo judeu



## Instruções ao facilitador

1. Anuncie que o objetivo desta sessão será tirar um instantâneo do antisemitismo contemporâneo, discutindo itens da imprensa e explorando maneiras de o combater através do estudo de como Herzl via este tema.
2. Divida os participantes em cinco pequenos grupos. Cada grupo recebe uma página de tarefas (pág.16) e um artigo da imprensa sobre o antisemitismo contemporâneo (pág. 22-23). Defina aos participantes a hora para estudo e discussão. *(Sinta-se livre para utilizar outros artigos sobre antisemitismo, que podem ser mais relevantes na sua comunidade).*

## Página de Tarefas

Leia por favor, o artigo que lhe foi dado e discuta as seguintes questões:

1. Como o fenômeno do antissemitismo descrito no artigo afeta a comunidade judaica?
2. Que efeitos sociais e psicológicos podem existir?
3. Que pensamentos, sentimentos ou questões você tem depois de ter lido o artigo ou sobre o antissemitismo em geral?
4. Como você acha que indivíduos judeus e comunidades judias deveriam responder a este tipo de antissemitismo?



## Página de Tarefas

Leia por favor, o artigo que lhe foi dado e discuta as seguintes questões:

1. Como o fenômeno do antissemitismo descrito no artigo afeta a comunidade judaica?
2. Que efeitos sociais e psicológicos podem existir?
3. Que pensamentos, sentimentos ou questões você tem depois de ter lido o artigo ou sobre o antissemitismo em geral?
4. Como você acha que indivíduos judeus e comunidades judias deveriam responder a este tipo de antissemitismo?



## Página de Tarefas

Leia por favor, o artigo que lhe foi dado e discuta as seguintes questões:

1. Como o fenômeno do antissemitismo descrito no artigo afeta a comunidade judaica?
2. Que efeitos sociais e psicológicos podem existir?
3. Que pensamentos, sentimentos ou questões você tem depois de ter lido o artigo ou sobre o antissemitismo em geral?
4. Como você acha que indivíduos judeus e comunidades judias deveriam responder a este tipo de antissemitismo?



## Página de Tarefas

Leia por favor, o artigo que lhe foi dado e discuta as seguintes questões:

1. Como o fenômeno do antissemitismo descrito no artigo afeta a comunidade judaica?
2. Que efeitos sociais e psicológicos podem existir?
3. Que pensamentos, sentimentos ou questões você tem depois de ter lido o artigo ou sobre o antissemitismo em geral?
4. Como você acha que indivíduos judeus e comunidades judias deveriam responder a este tipo de antissemitismo?



## Página de Tarefas

Leia por favor, o artigo que lhe foi dado e discuta as seguintes questões:

1. Como o fenômeno do antissemitismo descrito no artigo afeta a comunidade judaica?
2. Que efeitos sociais e psicológicos podem existir?
3. Que pensamentos, sentimentos ou questões você tem depois de ter lido o artigo ou sobre o antissemitismo em geral?
4. Como você acha que indivíduos judeus e comunidades judias deveriam responder a este tipo de antissemitismo?

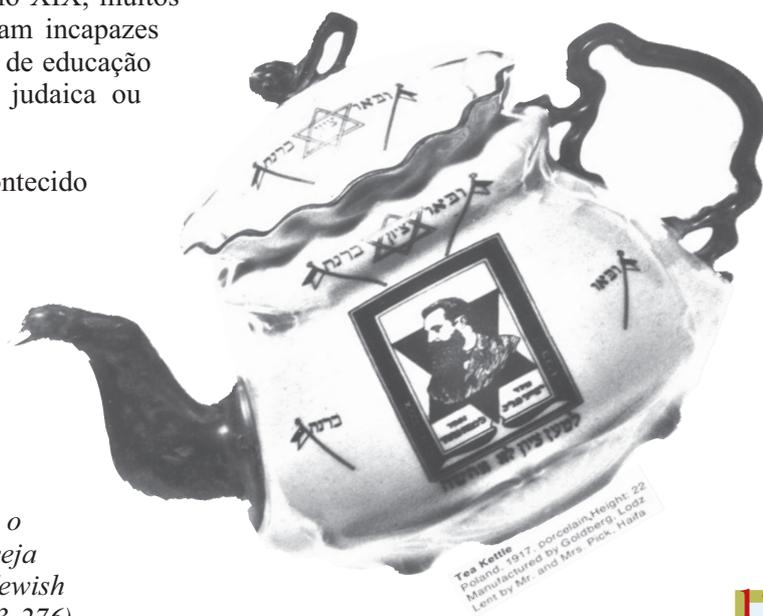


3. O grupo retorna e cada sub-grupo relata, sumariamente, sobre os incidentes antisemitas que receberam (apenas cerca de 10 a 15 minutos devem ser dedicados para o estágio de relatos).
4. Pergunte ao grupo como acreditam que o povo judeu deve responder ao antisemitismo hoje. Para ajudar a estruturar a discussão, espalhe vários cartões no meio do círculo (pág. 19), cada um contendo uma resposta possível à hostilidade anti-judaica. Os participantes são convidados a escolher o cartão que melhor reúne sua decisão e compartilhar sua escolha com o grupo.

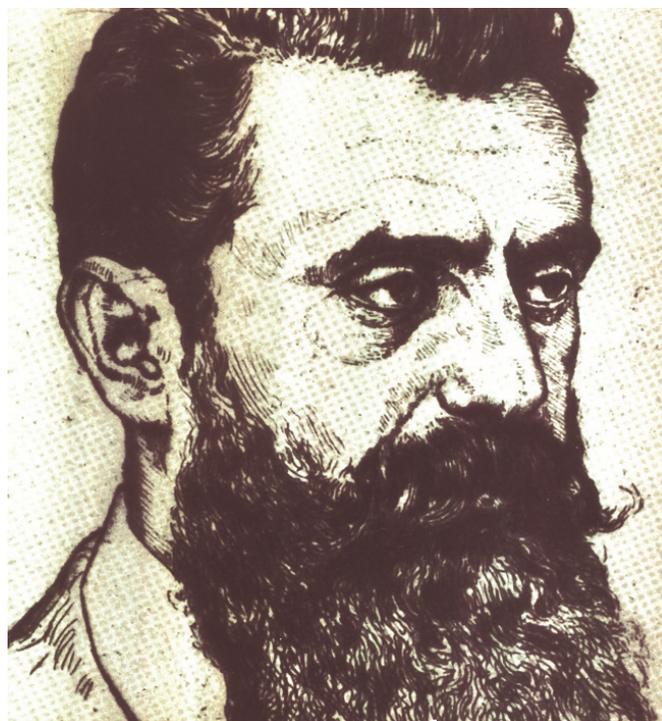
**Guie a discussão usando as seguintes perguntas:**

- ↘ Quais as vantagens e as desvantagens das várias estratégias?
  - ↘ Quais as estratégias mais efetivas em termos práticos?
  - ↘ Que conseqüências psicológicas e emocionais podem ter as várias estratégias?
  - ↘ Que estratégias servem para reforçar a identidade judaica e quais que a enfraquecem?
  - ↘ Sob quais circunstâncias deveria o antisemitismo ser combatido e quando deverá ser ele ignorado, minimizado ou acomodado?
  - ↘ Como difeririam nossas respostas a estas perguntas se vivêssemos em outra parte do mundo? (Encoraje o grupo a se identificar com a situação antisemita que enfrentam judeus em países específicos e formular estratégias correspondentes).
5. Faça uma breve introdução a algumas das semelhanças e diferenças entre o antisemitismo agora e o do tempo de Herzl, sublinhando os seguintes pontos:
    - ↘ O antisemitismo político e violento eram temas importantes há 100 anos atrás como são agora, com eventos como os pogroms na Rússia e o julgamento do Caso Dreyfuss na França servindo como foco para debates públicos.
    - ↘ Na Europa continental do final do século XIX, muitos judeus enfrentavam discriminação e eram incapazes de encontrar emprego ou oportunidades de educação superior sem esconder sua identidade judaica ou mesmo se convertendo ao cristianismo.
    - ↘ A Shoá (Holocausto) ainda não tinha acontecido e o massacre em massa de judeus era uma idéia inconcebível pela a maioria das pessoas.
    - ↘ Não havia nenhum Estado de Israel – a aliyah não era uma opção realista e, claro, o anti-sionismo não figurava no discurso antisemita da época.

*(Para artigos de fundo sobre o antisemitismo do final do século XIX, veja Howard Sacher, *The Course of Modern Jewish History* (Vintage Books, 1990), págs. 253-276).*



6. Explique que apesar das diferenças históricas, as estratégias sob discussão incluem respostas que ecoam as reações de Herzl ao problema judaico de seus dias. O grupo recebe trechos dos escritos de Herzl e um participante deve os ler em voz alta (págs. 20-21). Depois de cada trecho, peça aos participantes para resumirem as idéias de Herzl, perguntando a eles:
  - ↘ O que Herzl acreditava serem as causas do antisemitismo, de acordo com este texto?
  - ↘ Como ele propõe o combater aqui?
  
7. Depois de lidos os três textos, os participantes são convidados a compartilhar seus pensamentos e sentimentos sobre a mudança em Herzl em relação ao problema do antisemitismo. O que o levou a mudar de idéia, e quais são as vantagens e as desvantagens de cada solução proposta por ele, desde a conversão, passando pela adaptação e até o sionismo? Finalmente, os participantes são convidados a considerar quais das idéias, ou soluções, de Herzl ao antisemitismo podem ser relevantes à situação atual do povo judeu.



Theodor Herzl

## Cartões:

- ✂️
- ↳ Auto-defesa organizada
- ↳ Influenciar as autoridades
- ✂️
- ↳ Aliyah (emigração para Israel)
- ↳ Desassociar-se de Israel
- ✂️
- ↳ Emigração (para outros países, fora de Israel)
- ↳ Educação anti-racista
- ✂️
- ↳ Negar a identidade judaica pessoal
- ↳ Evitar uso de vestes e símbolos judaicos
- ✂️
- ↳ Conversão ao cristianismo
- ↳ Continuar como sempre
- ✂️
- ↳ Reforço da identidade judaica através da educação
- ↳ Outras respostas

## Resolvendo o Problema Judaico – A evolução das idéias de Herzl

### 1. Do Diário de Herzl, 1895

Há cerca de dois anos atrás, eu quis resolver a questão judaica, pelo menos na Áustria, com a ajuda da igreja católica. Tentei organizar uma audiência com o Papa - e dizer a ele: Ajude-nos contra os antisemitas e eu liderarei um enorme movimento de conversão livre e honrada dos judeus ao cristianismo.

Livres e honrados, considerando que como líderes deste movimento - eu mesmo em particular - permaneceríamos judeus, e como judeus iríamos encorajar uma conversão à fé da maioria. Em plena luz do dia, ao meio-dia de um domingo, a troca de fé ocorreria na Catedral de São Estevão, com uma parada solene e o toque de sinos. Não com vergonha, como tristes indivíduos o fizeram até agora, mas como um gesto nobre...

Nós, os firmes líderes, constituiríamos a última geração. Teríamos permanecido dentro da fé de nossos antepassados. Mas teríamos feito de nossas crianças cristãos antes que tenham chegado à idade de decisão independente - depois da qual a conversão pareceria um ato de covardia ou de ponderação.

### 2. Do Diário de Herzl, 1895

(Repetindo uma conversa com um amigo ocorrida alguns anos antes)

"Entendo o que é o antisemitismo. Nós, os judeus, temos nos mantido, mesmo se não por falha nossa, como um corpo estranho entre as diferentes nações. No gueto adquirimos algumas características anti-sociais. Nosso caráter foi danificado pela opressão e deve ser reparado através de algum outro tipo de pressão...

Entretanto, o antisemitismo, que é uma grande, mesmo se inconsciente, força entre as massas, não prejudicará os judeus. Espero ser um movimento útil para o desenvolvimento do caráter judaico. É a educação de um grupo pela população circundante e talvez levará no final à sua absorção. Somos educados através de duros golpes. Uma espécie de mímica darwinista entrará em ação. Os judeus se adaptarão."



### 3. "Uma solução da Questão Judaica" (London Jewish Chronicle, 1896)

A Questão Judaica ainda existe. Seria tolice negar. Ela existe onde vivem judeus em números perceptíveis. Onde ela ainda não existe, ela virá com os judeus no curso de suas migrações. Nós, naturalmente, nos movemos para lugares onde não somos perseguidos, e lá nossa presença em breve traz a perseguição. Isto é verdade em todos os países, e permanecerá uma verdade até mesmo entre os mais altamente civilizados - a França não é uma exceção - até que a Questão Judaica encontre uma solução com base política.

Somos um povo - Um Povo. Tentamos honestamente em todos os lugares nos mesclar na vida social das comunidades que nos rodeavam e preservar a fé de nossos ancestrais. Não nos permitiram fazer isto. Em vão somos patriotas leais, nossa lealdade em alguns lugares indo a extremos; em vão fazemos os mesmos sacrifícios de vida e propriedade do que nossos compatriotas; em vão tentamos aumentar a fama de nossa terra nativa na ciência e na arte, ou sua riqueza por comércio. Em países onde temos vivido por séculos, somos ainda chamados de estrangeiros, seguidamente por pessoas cujos ancestrais ainda não estavam instalados na terra onde judeus já tinham experimentado o sofrimento. Mas apesar de tudo, somos cidadãos leais, leais como os huguenotes, que foram forçados a emigrar. Se apenas nos deixassem em paz...

*Fontes: Os Diários de Herzl, editados e traduzidos ao inglês por Marvin Lowenthal (Nova Iorque, 1956;*

Somos um povo - nossos inimigos nos deram nossa unidade, como repetidamente acontece na história. O sofrimento nos une, e assim, unidos, nós subitamente descobrimos nossa força. Sim, temos força suficiente para formar um estado, e um estado modelo... Que nos seja dada soberania sobre uma porção da superfície da Terra que seja suficiente para nossas legítimas necessidades nacionais. Nós cuidaremos de todo o resto...

Viveremos, finalmente, como homens livres, em nosso próprio solo, e morreremos em paz em nosso lar.

*Fontes: Crônica de um Judeu Londrino, 1896*

# G R U P O 1

O cartún discutido neste artigo pode ser visto em:  
[www.usefulwork.com/shark/archives/001282.html](http://www.usefulwork.com/shark/archives/001282.html)  
ou em

[www.honestreporting.com/articles/critiques/Der\\_Sturmer\\_in\\_the\\_UK\\$.asp](http://www.honestreporting.com/articles/critiques/Der_Sturmer_in_the_UK$.asp)

## Cartún anti-Sharon em jornal provoca acusações de antisemitismo

*Por Richard Allen Greene*

LONDRES, 25 de fevereiro (JTA) – A embaixada israelense em Londres acusou um jornal britânico de perpetuar o libelo de sangue contra os judeus, depois de ter publicado um cartún mostrando o Primeiro Ministro Ariel Sharon comendo um bebê.

O cartún no jornal Independent mostrava Sharon ajoelhado nas ruínas de uma vila, cortando a cabeça de um bebê com os dentes, com um helicóptero circulando acima, anunciando a mensagem “Vote Sharon”.

“O que está errado... Você nunca viu um político beijando bebês antes? pergunta Sharon no desenho.

A embaixada protocolou sua queixa através do célebre advogado Anthony Julius, que defendeu com sucesso a acadêmica Deborah Lipstadt quando o negador do Holocausto David Irving entrou com uma ação contra ela por libelo, num caso altamente coberto pela imprensa em Londres no ano de 2000.

“A queixa não menciona política e nem arte. Ela se concentra em antisemitismo”, argumenta Julius. “O cartún associa o Primeiro Ministro Sharon, um judeu, com um crime particularmente terrível supostamente cometido por judeus – na verdade, habitual e exclusivamente por judeus. Ele o associa com o libelo de sangue”.

Descrevendo-o como “uma imagem grotesca e horrorosa”, Julius diz que o cartún “tem uma política intrínseca, uma que supõe que os israelenses são brutos assassinos, e os palestinos, mártires inocentes”.

O cartún provocou protestos desde que foi publicado em 27 de janeiro, que foi o Dia do Holocausto na Inglaterra e em outros países europeus – e um dia antes das eleições gerais em Israel.

Cerca de 30 queixas sobre ele foram entregues na Comissão de Reclamações da Imprensa, disse uma porta-voz da comissão.

O Conselho de representante, uma organização-teto representando a maioria dos judeus britânicos, estava entre os primeiros que enviaram seu protesto à comissão.

“Tal caricatura vai muito além de um comentário político aceitável”, disse o diretor geral do conselho, Neville Nagler.

“Os judeus em todo o mundo estão enfrentando uma crescente ameaça antisemita. Ver esta clara caricatura antisemita num dos maiores jornais da Inglaterra é um assunto de grave interesse”, disse ele.

A comissão ainda não respondeu à queixa do conselho”, disse a porta-voz da comissão.

Mas ela já rejeitou duas queixas, baseada no fato de não terem vindo de Sharon mesmo, o objeto do cartún, disse a porta-voz da comissão ao JTA.

“O cartún faz referência a um indivíduo nomeado, mas como ele não se queixou, a comissão não pode aceitar uma queixa de terceiros”, disse ela.

A comissão perguntou à embaixada israelense se estava agindo em nome de Sharon.

A queixa da embaixada acusa que não apenas Sharon, mas também o exército de Israel e o eleitorado são alvos do ataque.

O Independent rejeita a acusação de que o cartún é antisemita.

Seu editor-chefe, Simon Kelner – que é judeu – declinou falar com o JTA.





Mas ele disse ao jornal London Jewish Chronicle: “Eu mesmo sou judeu, e assim teria sensibilidade a qualquer material antisemita. Este foi um cartún muito poderoso e é claramente anti-Sharon. Entretanto, isto é muito diferente (de) ser antisemita”.

O cartunista, Dave Brown, também rejeitou a acusação de preconceito.

“Não apenas não tive nenhuma intenção de ser antisemita, não tive nenhuma vontade de fazer comentários anti-Israel. Numa hora em que o Partido Trabalhista de Israel estava oferecendo a opção de um acordo, eu procurava apenas alvejar o homem e o partido que eu considero trabalhando ativamente contra a paz”, escreveu Brown.

Norman Lebrecht, um antigo colunista do Jewish Chronicle e agora editor assistente do jornal Evening Standard, também rejeitaram a alegação de que o cartún é antisemita.

Ele disse ao JTA que era importante considerar a imagem no contexto do que ele chamou de “linha estridente anti-sionista, mas não antisemita” do Independent.

“Eu achei que o cartún era desagradável e sem imaginação, mas não antisemita abertamente”, disse ele.

“Tomado fora de contexto, o cartún pode parecer mais ofensivo do que é nos seus intencionados lugar e propósito. Nas páginas do Independent, ele apóia a linha editorial que, entretanto mesmo que irrite a embaixada israelense, não faz do cartún, ou do jornal, um antisemita”, disse ele.

Mas Winston Pickett do grupo de pesquisas do Instituto e Pesquisa Política Judaica disse que o cartún não pode ser separado de um contexto mais amplo – a história do libelo de sangue – não importa o que o artista ou o editor teriam pretendido.

“No quadro deste cartún em particular, há um estereotipo antisemita: comer crianças”, ele disse ao JTA.

“Não tenho nenhum problema com criticar Sharon – isto é território aberto – mas trazer estes motivos que tão claramente lembram o libelo de sangue, uma vista medieval do mundo, o faz ser perigoso”, disse ele.

“Existem bandeiras vermelhas que acenam na sua cabeça: você não coloca judeus comendo bebês. Você não coloca um Sambo preto no seu jardim da frente”, disse Pickett, que escreve sobre o cartún no seu próximo livro, “Um Novo Antisemitismo? Debatendo Fobia de Judeus na Inglaterra no Século XXI”.

Pickett disse que a imagem lembra os cartúns que apareceram em jornais árabes: “Localizei um cartún no Al-Quds que tem a mesma imagem – Sharon comendo bebês de uma tigela com uma colher e o sangue escorrendo pela sua face.

“Não estou acusando o editor (do Independent) ou o artista de serem antisemitas profissionais, mas estes temas são perigosos”, disse ele.

O cartunista Steve Greenberg que ganhou os últimos dois prêmios da Associação da Imprensa Judia Americana por seus cartúns, está também preocupado que a imagem possa causar problemas.

“O cartún, enquanto que tecnicamente é bem desenhado e muito forte, é gritante, algo excessivo e poderia agitar algum antisemitismo em nível visceral”, disse ele ao JTA por e-mail da Califórnia.

“Apesar do cartún poder ter sido uma alegoria política baseada no trabalho de Goya, o leitor médio não verá isto e apenas verá Sharon (e por implicação, Israel e talvez os judeus em geral) como monstros sedentos de sangue e desumanos”, disse ele.

“Posso ver como o cartunista usa a imagem e o “beijar bebês” para um efeito forte, mas ao ignorar o contexto histórico dos cartúns antisemitas de ‘libelo de sangue’, ele consciente ou inconscientemente perpetua uma área lúgubre da cartunismo que toca nos piores instintos de algumas pessoas”.

© JTA. A reprodução do material sem permissão por escrito está estritamente proibida.

### A ADL descobre que o antisemitismo nos E.U.A. está crescendo

Por Shlomo Shamir

(*Haaretz*, 12.6.02)

NOVA IORQUE – Cerca de 17% dos americanos – 35 milhões de pessoas – mantêm opinião negativa e hostilidade contra os judeus, diz um relatório liberado ontem pela Liga Anti-Difamatória (ADL). Uma pesquisa especial da ADL descobriu que estes 17% mantêm opiniões antisemitas “inquestionáveis” – o que o relatório chama de “antisemitismo fundamental básico”.

A pesquisa também encontrou que “outros 35% (dos americanos pesquisados) estavam na categoria mediana – não tendo opiniões preconceituosas ou não preconceituosas, mas não ainda completamente livres de preconceito nas suas atitudes em relação aos judeus”.

A pesquisa encontrou que 48% do público americano “está livre de preconceito nos seus sentimentos sobre os judeus – um decréscimo dos 53% em 1998”.

Na entrevista coletiva de ontem, mantida na sede da ADL em Manhattan, os oficiais mais graduados da organização constataram que pela primeira vez em anos está crescendo o número de americanos que acreditam nos clássicos estereótipos antisemitas de judeus.

“Estamos muito preocupados que muitos ganhos que temos visto na construção de uma América mais tolerante e acolhedora ainda não se enraizaram tão firmemente como tínhamos esperado, e em alguns casos, foram revertidos”, disse Abraham H. Foxman, Diretor Nacional da ADL. “Enquanto existem muitos fatores em jogo, todos os indícios sugerem uma forte corrente subterrânea de ódio aos judeus persistindo nos Estados Unidos”.

A pesquisa foi realizada entre 21 de abril e 6 de maio – cobrindo 1 000 americanos adultos.

Um novo indício estabelecido pela pesquisa é que o antisemitismo parece ser mais preponderante entre grupos hispânicos do que na população em geral. A pesquisa encontrou que 35% da população hispânica pertencem ao grupo de antisemitismo fundamental básico – “44% dos hispânicos nascidos no exterior mantêm crenças antisemitas; 20% dos americanos hispânicos nascidos nos Estados Unidos caem na mesma categoria”.

Os pesquisadores e a organização atribuem o antisemitismo na população hispânica a fatores educacionais e religiosos. Referindo-se a grupos hispânicos, Foxman disse: “Uma formação religiosa tem sempre um papel na determinação das crenças sobre os judeus”.

## Estados Unidos – Pesquisa de Antisemitismo

### O Foro de Coordenação do Combate ao Antisemitismo (Governo de Israel)

(21 de janeiro de 2003)

Em 21 de janeiro de 2003, o Instituto de Pesquisa Demográfica Gary Tobin publicou os resultados de uma pesquisa que tratava de aspectos do judaísmo americano, e sobre a maneira como ele é visto pelo público em geral. A pesquisa foi conduzida em maio de 2002, incluindo como amostra de 1.013 pessoas de todo o país.

Estes são alguns dados levantados na pesquisa:

32% expressaram preocupações que um presidente judeu não funcionaria nos melhores interesses dos Estados Unidos, se estes contradissem os de Israel. 24% eram de opinião que controle judeu da mídia resulta em uma mídia distorcida. 34% disseram que os judeus exerciam demasiado controle sobre os mercados financeiros. 37% concordaram que os judeus foram responsáveis pela morte de Jesus. 20% dos Democratas e Independentes tenderam a considerar os judeus como cuidando apenas de seus próprios interesses, em oposição a 12% entre os Republicanos. 21% viam os judeus como uma ameaça ao caráter moral dos Estados Unidos. De outro lado, 49% dos pesquisados viam os judeus como similares aos americanos em relação a valores e crenças, e 24% não tinham nem mesmo uma crença antisemita.

As tendências gerais como observadas nesta pesquisa são: jovens americanos abaixo de 35 anos mantêm opiniões mais antisemitas do que os mais velhos. Os Democratas mantêm opiniões mais antisemitas do que Republicanos, Ambas as tendências são diferentes daquelas expressas em pesquisas anteriores.

Fonte: [www.antisemitism.org.il](http://www.antisemitism.org.il)

## Estados Unidos – Estudo da ADL Mostra um Aumento de Teorias Antisemitas

### O Foro de Coordenação para Combater Antisemitismo (Governo de Israel)

(1º de setembro de 2003)

Os ataques em Nova Iorque e Washington em 11 de setembro de 2001 provocaram o surgimento de um novo ramo de antisemitismo global. Um estudo da Liga Anti-Difamação publicado nos Estados Unidos relata que este ramo focaliza a disseminação de teorias de conspiração e acusações de que os judeus nos Estados Unidos e Israel são os responsáveis pelos ataques, nos quais cerca de 3 000 americanos perderam suas vidas. De acordo com o relatório, apesar de terem passado dois anos desde os ataques, o fluxo de difamações e acusações contra os judeus e Israel em relação ao terrorismo ainda não diminuiu, mas ao contrário, aumentou. As teorias de conspiração, avançadas principalmente através da Internet, estão divididas em vários grupos principais. Primeiro, há a acusação de que o Mossad israelense realizou os ataques, pois apenas tal organização poderia ostensivamente possuir a capacidade e os conhecimentos sofisticados para implementar uma operação tão complexa. Outra alegação publicada nos Estados Unidos se concerne com a “Rede de Estudantes de Arte” – de acordo com a qual uma rede de espões israelenses posando como estudantes de arte seguiram as pessoas suspeitas de implementar os ataques, mas não fizeram nada para os prender ou informar as autoridades sobre suas intenções. Depois tem a afirmação de que firmas israelenses trabalhando nos Estados Unidos mantinham a rede de espionagem que servia como uma cobertura para a vigilância israelense de terroristas suspeitos. Outra teoria sendo disseminada tende mais na direção do antisemitismo clássico, dizendo que os “donos judeus das Torres Gêmeas iniciaram os ataques para cobrar o dinheiro dos seguros”. Vários sites também alegam que os judeus iniciaram os ataques para desviar a crítica internacional de Israel em relação à Intifada. Os diretores da Liga Anti-Difamação estão preocupados sobre o fato de que predições anteriores de que as teorias antisemitas conectadas com ataques terroristas desapareceriam com o tempo foram provadas como incorretas, e que agora, dois anos depois de 11 de setembro, elas são mais fortes do que nunca. Os autores do relatório estão também preocupados com a possibilidade de que o “sucesso” das teorias de conspirações poderia levar a uma maior difamação de judeus, os conectando com qualquer calamidade ou incidente maior.

Fonte: [www.antisemitism.org.il](http://www.antisemitism.org.il)

## Pesquisadores relatam pronunciado aumento de incidentes antisemitas violentos

Por Yam Yehoshua

(Haaretz, 29 de abril de 2003)

O ano passado presenciou um grande aumento no número de incidentes antisemitas violentos em redor do mundo. Registrou-se um total de 311 incidentes sérios durante 2002, dos quais 56 foram incidentes que incluíram algum tipo de arma. Isto se compara com 228 incidentes sérios em 2001, dos quais 50 com algum tipo de arma.

Estes números foram publicados ontem pela Profa. Dina Porat, chefe do Projeto para o Estudo do Antisemitismo da Universidade Tel Aviv, Dr. Avi Becker, secretário-geral do Congresso Judaico Mundial e Laura Kam Issacharoff, vice-diretora da Liga Anti-Difamação.

Os pesquisadores sublinharam ontem que o aumento do número de incidentes violentos, preocupante em si, estava acompanhado por uma mudança dos alvos da violência. Enquanto que a maioria dos ataques antes de 2001 eram contra instituições associadas com judeus (bombas incendiárias em sinagogas, profanação de cemitérios judeus e assim por diante), nos últimos 12 meses houve um aumento de 60% do número de ataques diretos contra pessoas judias, ou pessoas que os agressores acreditavam ser judias – a maioria destes sendo muçulmanos.

Houve também uma mudança nos locais de antisemitismo. Hoje, depois da queda do bloco comunista, a Europa ocidental em geral, e a França, a Inglaterra e a Bélgica em particular, se tornaram focos de atividades antisemitas. Apenas na França houveram 55 incidentes registrados como antisemitismo violento em 2002, comparados com 45 na Inglaterra. Dos 31 incidentes na Europa ocidental que envolveram o uso de alguma arma, 25 ocorreram na França.

Os especialistas acreditam que esta erupção de antisemitismo se origina de uma larga associação feita entre os judeus, os Estados Unidos e Israel. As mesmas organizações e os mesmos grupos que se manifestavam contra a globalização e o racismo na década de 1990 estão agora se manifestando contra os Estados Unidos e contra a guerra no Iraque. Os fortes sentimentos antiamericanos se originam, por sua vez, de uma percepção dos Estados Unidos como uma superpotência mundial imperialista, impondo sua política e sua economia no resto do mundo, pretensamente com o apoio dos judeus americanos, judaísmo mundial e Israel. Os pesquisadores chamam esta situação “O eixo do mal – das Torres Gêmeas até a guerra do Iraque”.

“Estes números fazem uma leitura horrível”, disse a Profa. Porat ontem. “Na realidade, o ano passado foi o pior desde que começamos a acompanhar incidentes antisemitas há 11 anos atrás. O número de comentários antisemitas num grande número de sites da Internet tem também aumentado de forma regular. O mesmo é verdade em relação a graffiti antisemita, cartas com ameaças, intimidações – assim como comentários por acadêmicos e funcionários governamentais. Estes comentários estão sendo considerados como um tipo de plataforma para a violência”.

De acordo com o Dr. Becker, “o aumento de antisemitismo na Europa ocidental vem como disfarce de liberdade de expressão. Para mim, este é o pior tipo de antisemitismo. Parece haver uma tentativa dos europeus de evitar a responsabilidade pelo Holocausto, dizendo que os judeus em Israel usam as mesmas táticas contra os árabes que os nazistas usavam contra os judeus. Este aumento preocupa muito. Estamos chegando à uma situação onde até o editor do *Der Spiegel* comparou (o Primeiro Ministro Ariel) Sharon a Hitler. Não acho que seria correto falar em termos de um novo Holocausto neste estágio, mas não há dúvida que as comunidades judaicas estão em guerra”.



Os que estão envolvidos na pesquisa admitem francamente que seus números não contam toda a história, representando apenas uma parte do quadro real. Isto por causa da dificuldade de definir exatamente o que constitui um incidente antisemita.

“Não posso dizer com total confiança que cada incidente registrado nestes números foi motivado por antisemitismo”, diz a Profa. Porat.

“Por exemplo, recebemos um relatório de que um monumento foi danificado na Holanda, que, em retrospecto, não foi nada mais do que um *sem teto* que procurava um lugar para passar a noite. Mas na maioria dos casos, os agressores deixam para trás provas que apontam para motivos antisemitas, ou dizem em voz alta que estão realizando um ato antisemita. Com tudo, estamos convencidos que nosso relatório é viável”.

Um problema adicional enfrentado pelos pesquisadores foi que nem todos os incidentes são registrados. Em muitos casos, as comunidades judaicas preferem não relatá-los às autoridades, sob a impressão de que se os ataques não são de conhecimento do público, eles não encorajarão imitadores. Em análise final, os pesquisadores acreditam que o número de incidentes registrados é menor do que a realidade.

### Pesquisa de opinião pública na Europa: 46% dizem que os judeus são “diferentes”

*Haaretz*, 26 de janeiro de 2004

Uma pesquisa de opinião pública em nove países europeus publicada na segunda-feira encontrou que 46% dos pesquisados disseram que os judeus nos seus países eram “diferentes”, e 35% disseram que os judeus deveriam parar de “banciar as vítimas” do Holocausto.

Cerca de 9% dos pesquisados disseram que eles “não gostam ou não confiam nos judeus”, e 15% disseram que “seria melhor se Israel não existisse”.

A pesquisa do Instituto de Pesquisa IPSO, feita para o jornal italiano *Corriere della Sera*, foi conduzida na Itália, França, Bélgica, Áustria, Espanha, Holanda, Luxemburgo, Alemanha e Inglaterra.

A pesquisa, publicada um dia antes do dia em que muitos países europeus marcam o Dia em Memória às Vítimas do Holocausto, foi o último indício do que líderes judeus vêem como uma tendência séria.

“Obviamente o vírus do antisemitismo é mais forte e determinado do que achávamos no passado”, disse o rabino britânico David Rosen, diretor internacional de assuntos inter-religiosos da Comissão Judaica Americana, que reside em Israel.

Perguntado se os judeus nos seus países têm uma “mentalidade e estilo de vida” diferente dos outros cidadãos, 46% disseram que sim. Cerca de 40,5% disseram que no seu país os judeus tinham “um relacionamento especial com o dinheiro” e 35,7% disseram que os judeus “deveriam parar de banciar as vítimas do Holocausto e as perseguições de 50 anos atrás”.

A pesquisa também diferenciou entre os países, encontrando que a hostilidade alemã, austríaca, espanhola e italiana em relação aos judeus era maior do que nos outros países. Em todos os países, o sentimento antisemita tinha correlações positivas com sentimentos anti-Israel.

Mais de 71% dos pesquisados disseram que Israel deveria desocupar os territórios ocupados e os palestinos deveriam parar de atacar alvos israelenses.

Mais de 68% disseram que acreditavam que Israel tem direito de existir mas que o governo do Primeiro Ministro Ariel Sharon estava “fazendo as escolhas erradas”.

Uma pesquisa publicada na sexta-feira no jornal britânico *Jewish Chronicle* relata que perto de um em cada cinco britânicos diz que um judeu não poderia ser um primeiro ministro aceitável, e quase um em sete acredita que a escala do Holocausto é exagerada.

Em novembro, *Corriere della Sera* publicou uma pesquisa nacional que encontrou que 51% dos italianos pensam que a mentalidade e o estilo de vida dos judeus difere dos outros italianos, e 17% disseram que seria melhor se Israel deixasse de existir.

O Foro de Coordenação do Combate ao Antisemitismo (Governo de Israel)

Relatório do Foro – Fevereiro de 2004

Para atualizações veja [www.antisemitism.org.il](http://www.antisemitism.org.il)

## Bélgica - Epítetos Antisemitas aos Berros numa Partida de Futebol da Seleção Israelense

**Data: 28 de janeiro País: Bélgica**

Em 28 de janeiro de 2004, durante uma partida de futebol da seleção israelense na cidade de Hassel, como parte das preliminares do campeonato europeu, epítetos antisemitas ecoavam nas galerias. Alguns dos torcedores vieram pintados com as cores da Hamas, carregando bandeiras da Jihad, Hamas e Hizbalá. Quando o jogo iniciou estas pessoas começaram a gritar “Jihad” e “Morte aos Judeus”. Os gritos foram ouvidos também em “*Flemish*”, a língua local: “Hamas, Hamas, todos os judeus à câmara de gás”.

## Austrália - Coquetel Molotov Jogado Numa Sinagoga em Melbourne

**Data: 22 de janeiro País: Austrália**

Um coquetel molotov foi jogado numa sinagoga em Melbourne nas primeiras horas da manhã de 22 de janeiro de 2004. A sinagoga estava fechada. O vidro quebrado da garrafa e vestígios de material queimado foram encontrados nas escadas da sinagoga, quando os primeiros fiéis chegaram para as preces matutinas.

## França - Graffiti Antisemita em Marselha

**Data: 21 de janeiro País: França**

Na noite entre 21 e 22 de janeiro de 2004, o seguinte graffiti foi descoberto no bairro de La Busserine em Marselha: “Juifs = Tueurs d’enfants” (Judeus = assassinos de crianças).

## França - Graffiti Antisemita em Livraria Judia

**Data: 19 de janeiro País: França**

Em 19 de janeiro de 2004, graffiti antisemita foi pintado numa loja que vende livros judaicos. O graffiti era de tinta branca e tinha aparentemente sido pintado durante a manhã.

## França - Incêndio de um Veículo de Transporte de Crianças Judias

**Data: 19 de janeiro País: França**

Na noite entre 18 e 19 de janeiro de 2004, um veículo usado para transportar crianças judias foi incendiado. O veículo estava vazio na hora do incidente. Foi registrada queixa na polícia.

## França - Pedras Jogadas numa Sinagoga em Estrasburgo

**Data: 18 de janeiro País: França**

Na noite entre 17 e 18 de janeiro de 2004, foram lançadas pedras contra a Sinagoga Esplanade em Estrasburgo. O vidro da fachada da sinagoga foi estilhaçado. Foi registrada queixa com a polícia.

### Belorússia - Prisão do Presidente da Federação Mundial dos Judeus da Belorússia

**Data: 14 de janeiro País: Belorússia**

O Presidente da Federação Mundial dos Judeus da Belorússia, Jacob Gutman, foi preso pela polícia da Belorússia sob a acusação de manter uma demonstração ilícita fora do gabinete do Presidente da Belorússia em Minsk. Em 14 de janeiro de 2004, a Agência de Notícias Interfax relatou que Gutman tinha a intenção de pedir ao Presidente Lukashenko que fizesse cessar a destruição de locais judaicos, cemitérios judeus e monumentos em memória das vítimas do Holocausto na Belorússia.

### Hungria - Prisão de Quem Queimou a Bandeira de Israel numa Demonstração da Direita

**Data: 14 de janeiro País: Hungria**

Na quarta-feira, 14 de janeiro de 2004, a polícia de Budapeste capturou duas pessoas dentre as que tinham posto fogo na bandeira de Israel no domingo anterior, durante uma demonstração da direita contra a estação de rádio Tilos. A polícia liberou o nome de uma delas, Giorgio Richard; o nome da outra não foi ainda publicado. Giorgio Richard é um membro da organização radical da extrema direita “Consciência 88”. A polícia encontrou material de propaganda radical no seu apartamento, incluindo “Os Protocolos dos Sábios do Sião”. O outro homem é um membro de outra organização da extrema direita radical chamada de “A Federação Huna”. Os dois disseram que a bandeira foi colocada nas mãos deles por outro homem, pois eles tencionavam incendiar apenas uma T-shirt com o logo da estação de rádio nela. De qualquer maneira, os dois foram documentados queimando a bandeira. Em 13 de janeiro, o gabinete do Primeiro Ministro Madjshay liberou uma nota denunciando a queima da bandeira, pedindo a todos que acreditam na democracia húngara para condenar vigorosamente este ato, e comportamento radical em geral.

### Rússia - Artigo Antisemita em Jornal

**Data: 14 de janeiro País: Rússia**

Em 14 de janeiro de 2004, o jornal antisemita Duel (um jornal de importância marginal com um público de leitores de grupos radicais) publicou um artigo com a manchete “A Comunidade Russa no Estado de Israel, o Estado Nazista”, assinado pelo “Conselho Público da Comunidade Nacional Russa no Estado de Israel”. O artigo, repleto de acusações antisemitas, declara que as autoridades de Israel adotaram uma política de perseguição dos membros de grupos minoritários, incluindo russos étnicos. “Por mais de meio ano agora a comunidade russa em Israel tem sofrido de um completo boicote na mídia, iniciado por grupos judaicos na Rússia e em Israel... O Estado de Israel tem o apoio das organizações judaicas na Rússia, que não menos do que a Israel oficial, estão interessadas em pisar na comunidade russa em Israel”.

### França - Cancelamento das Apresentações do Comediante Dieudonne Depois de Seus Comentários Antisemitas

**Data: 13 de janeiro País: França**

Em consequência de comentários antisemitas feitos pelo comediante Dieudonne, suas apresentações em sete cidades francesas foram canceladas. Por exemplo, em 13 de janeiro, depois de terem sido feitos planos para aparecer na cidade de Roanne na região dos Alpes-Rhone, o prefeito de Roanne publicou uma nota, dizendo que ele havia cancelado as apresentações do comediante que deveriam ter lugar em 20 e 21 de janeiro. Isto se seguiu a uma petição assinada por 500 pessoas em Roanne protestando contra suas apresentações.

### Hungria - Demonstração da Direita com Tons Antisemitas

**Data: 11 de janeiro País: Hungria**

Em 11 de janeiro de 2004, foi realizada uma manifestação da direita em Budapeste, defronte de uma estação de rádio, onde na noite de Natal um dos radialistas chamou no ar pela morte de todos os cristãos. A razão atrás disto ou a origem étnica do radialista não estão claras, Cerca de 4.000 pessoas participaram da manifestação sob a observação cerrada da polícia. Um núcleo de pessoas da extrema direita queimou a bandeira de Israel, um ato que não tem sido visto na Hungria há mais de 40 anos.

### Bélgica - Comentários Antisemitas sobre Negociantes Judeus

**Data: 8 de janeiro País: Bélgica**

Em 8 de janeiro de 2004, o jornal *De Nieuwe Gazette* publicou comentários de uma aeromoça da *Sobelair Charter Airline*. A mulher disse que estava com receios que os donos da linha aérea estavam para vendê-la a “amigos judeus dos diretores da companhia”, ou, como ela colocou, “os rabinos da falência”.

### França - Ataque de uma Professora da Escola “Maimônides” em Paris

**Data: 7 de janeiro País: França**

Em 7 de janeiro de 2004, uma professora da escola “*Maimonide*” em Paris foi atacada. O ataque iniciou como um assalto, mas quando seus atacantes notaram o símbolo da Maçonaria francesa que adornava seu pescoço, eles botaram fogo no seu cabelo. Apesar da mulher lecionar numa escola judaica, ela não é judia. Os atacantes aparentemente acharam que o símbolo era uma Estrela de David. e porisso a atacaram. Foi registrada queixa com a polícia.

### Venezuela - Um Representante da Agência Judaica Recebeu E-Mail com Ameaças

**Data: 6 de janeiro País: Venezuela**

Em 6 de janeiro de 2004, uma carta por e-mail contendo ameaças foi recebida pelo representante da Agência Judaica em Caracas. A carta dizia: Cuidado quando sair de casa. Se você não é um judeu ou um americano, esta carta não é relevante.

### Austrália - Propaganda Antisemita numa Livraria em Sydney

**Data: 5 de janeiro País: Austrália**

Uma mulher judia que entrou numa livraria em Sydney para comprar o livro “O Holocausto na História”, ouviu do vendedor que ele não entendia porque ela estava interessada naquele livro e que outros Holocaustos foram perpetrados contra cambodianos e africanos. Ele adicionou que estava cheio com os judeus e com suas reclamações sobre a Segunda Guerra Mundial, que os judeus estavam perpetrando genocídio contra os palestinos e saindo livres porque os judeus controlam o mundo.

### Europa - A Comissão Européia Cancelou a Conferência sobre Antisemitismo

**Data: 4 de janeiro País: Bélgica**

O Presidente da Comissão da União Européia, Romano Prodi, decidiu cancelar a conferência sobre o aumento do antisemitismo, que deveria ter lugar em Bruxelas. Sua decisão veio como consequência de fortes críticas de líderes das comunidades judaicas na Europa sobre o antisemitismo existente dentro da União. Depois de ler uma carta que estes líderes tinham publicado na edição de 4 de janeiro no *The Financial Times*, Prodi anunciou que a conferência tinha sido cancelada.

### **Bolívia - Graffiti Antisemita Na Parede Oposta do Prédio da Comunidade Judia de La Paz**

**Data: 2 de janeiro País: Bolívia**

Em 2 de janeiro de 2004, foi descoberto graffiti antisemita, incluindo suásticas, símbolos da SS e as palavras Palestina Livre e Juden Raus, numa parede oposta ao prédio da Comunidade Judia em La Paz.

### **Austrália - Uma Briga com Fundo Antisemita em Sydney**

**Data: 1º de janeiro de 2004 País: Austrália**

No reveillon de 2004, um grupo de jovens judeus saía de uma festa para um parque em Sydney quando encontraram quatro jovens que estavam bebendo e se drogando. Depois de uma troca de palavras, os outros gritaram aos judeus “Judeus sul-africanos sujos, voltem para a África do Sul”. Seguiu-se um breve confronto e os jovens judeus se retiraram. Outro grupo de jovens os seguiu e outros se juntaram a eles. O resultado foi uma briga, durante a qual um dos judeus foi atingido por uma garrafa na cabeça e outro foi atingido no peito. Os jovens assaltantes saíram do local depois de terem batido nos judeus.

### **Brasil - A Tradução ao Português e a Publicação na Internet do “Mein Kampf” de Hitler**

**Data: 30 de dezembro País: Brasil**

Um “projeto” de três anos foi recentemente concluído, no qual a tradução para português do livro de Adolf Hitler “Mein Kampf” foi transferida para um arquivo de computador. O formato digital foi disseminado entre organizações neonazistas e nacionalistas por todo o Brasil. Este arquivo pode ser facilmente distribuído para endereços de e-mail. Este ato elimina todos os esforços feitos para livrar o país de todas as cópias impressas do livro no Brasil, cuja distribuição é ilegal no Brasil.

## Antisemitismo: O motivo de sangue

*Por Amnon Rubinstein*

**Haaretz, 20 de outubro de 2003**

A explosão antisemita do Primeiro Ministro da Malásia Mahathir Mohamad na suprema conferência islâmica que estava recebendo em seu país na semana passada não surpreende. Em 1984 na Malásia – um país onde não existem judeus – cancelou a visita da Orquestra Filarmônica de Nova Iorque por causa da sua intenção de tocar uma obra de um compositor judeu (Ernst Bloch, “Schlomo – Uma Rapsódia Judaica”) e isto ainda antes da intifada e sem nenhuma conexão com Israel. Em 1997, Mohamad acusou o bilionário judeu George Soros pela crise financeira de seu país.

Portanto, o que mais preocupa do que a declaração em si, é um fenômeno diferente: o fato de que a declaração de Mohamad que, entre outras coisas, os judeus controlam o mundo, recebeu a bênção do representante egípcio e estimulou a unanimidade entre os 57 países que participavam da conferência e que apoiavam a renovação do boicote contra Israel. Na verdade, a atitude do mundo muçulmano – árabe e não-árabe – em relação a Israel e aos judeus, tem se tornado mais ameaçadora e mais extrema. Quem acredita que é necessário fazer um supremo esforço para resolver o conflito Israel-palestinos, ou reduzir suas dimensões, verá neste desenvolvimento mais uma razão para fazê-lo.

Entretanto, o antisemitismo árabe-muçulmano tem também uma fonte independente e portanto é difícil acreditar que ele desaparecerá, mesmo se o conflito for resolvido. O antisemitismo de fabricação árabe-muçulmana, cheio de declarações e pingando ódio, na verdade aumentou durante os anos de Oslo. Em março de 2002, *Al Riyadh*, o jornal do governo da Arábia Saudita, descreveu como os judeus matam um menino não-judeu e usam seu sangue para cozer bolos.

Depois de uma ríspida reação dos Estados Unidos, o editor do jornal publicou uma espécie de desculpas. Entretanto, nenhum tipo de apologia veio da televisão egípcia pela transmissão da série antisemita “Cavaleiro sem Cabeça”. Intelectuais egípcios, assim como o conselheiro do Presidente Hosni Mubarak, Osama Al Baz, expressaram reservas sobre a série, mas “Os Protocolos dos Sábios do Sião”, mencionados na série, foram re-impresos e distribuídos no Egito depois da série.

Em agosto deste ano, o Ministro da Defesa da Síria, Mustafá Tlass, veementemente rejeitou críticas de seu livro “A Matzá de Sião”, publicado pela primeira vez em 1968 e recentemente traduzido. No livro, o Ministro da Defesa repete o velho boato do libelo de sangue de Damasco de 1841 e descreve como os judeus mataram um padre francês para usar seu sangue para cozer matzót. Tlass relata como os judeus, com a ajuda de seu dinheiro e influência, conseguiram evitar que os assassinos fossem julgados e como eles tentaram que o assunto fosse esquecido, mas em vão: “Hoje cada mãe sabe que deve advertir seu filho sobre o judeu que o colocará num saco, o matará e usará seu sangue para cozer a Matzá de Sião”.

O uso do libelo de Damasco por muçulmanos é interessante. O elemento de sangue é uma parte essencial da mitologia do antisemitismo cristão, que considera o derramamento de sangue como um elemento essencial do judaísmo, por causa do pacto da circuncisão, que envolve sangue. Quando Shakespeare colocou o famoso monólogo na boca de Shylock, presumivelmente os expectadores de seus dias pensaram: Verdade, vocês têm olhos e quando picados, sangram, mas vocês são circuncidados e, portanto, não podem ser como eu.

O motivo de sangue no antisemitismo cristão é também expresso na crença – comumente mantida até muito recentemente – que os judeus menstruam. Esta característica é também atribuída a Leopold





Bloom, o herói de “*Ulysses*” de James Joyce. Os judeus menstruem porque não são verdadeiros homens.

O motivo de sangue originalmente não tinha nenhum paralelo. Os judeus são um povo inferior, mas não são distintos fisicamente dos muçulmanos, que também são circuncidados. O libelo de Damasco foi, portanto, importado à Ásia muçulmana da Europa cristã. Este processo está ocorrendo mais fortemente em nossos dias. “Os Protocolos”, por exemplo, são uma importação da Rússia czarista.

O problema é que em anos recentes tem havido também um movimento na direção oposta.

Mahatir Mohamad e sua laia estão soprando no fogo do antisemitismo europeu, que parecia ter sido extinto. O mais recente exemplo deste relacionamento recíproco está na França, cujo Presidente Jacques Chirac evitou a publicação de uma forte condenação pela União Européia da declaração de Mohamad.

Sobre o antisemitismo árabe-muçulmano, podemos talvez nos consolar que talvez desapareça quando a paz prevalecer no Oriente Médio, enquanto que sobre o antisemitismo europeu, soprado pelo encorajamento que recebe do mundo árabe-muçulmano, é impossível receber tal consolo.

*Maço de cigarros, Suíça 1903 (O sexto Congresso Sionista), fabricado por S. Tyber, Basileia. Do Arquivo Sionista Central.*





# O Judaísmo do Estado Judeu

Introdução

A definição do Estado de Israel como um Estado Judeu Democrático levanta mais perguntas do que respostas. De um lado, como pode um conceito particularista como “judaico” coexistir com um conceito universal, “democrático”? O que acontece quando estes valores colidem? Não menos controverso, o que exatamente significa o termo “judeu”? Ele implica que Israel deve ser governada de acordo com a *halachá* (lei judaica) como definida pelos rabinos ortodoxos ou ele simplesmente significa que Israel é culturalmente judaica? Talvez o termo não significa mais do que a população de Israel conter uma maioria de judeus.

Estas perguntas teóricas encontram expressão prática constante na atualidade israelense. As mercearias não-kasher podem vender presunto e bacon no centro das cidades israelenses? Os cidadãos não-judeus devem ser permitidos de comprar casas em áreas designadas para colonização judia? Os alunos das escolas seculares israelenses devem estudar a Bíblia, o Talmud e a história judaica? E mais, qual deve ser a atitude de um Estado judeu quanto a temas sociais como racismo, pobreza e discriminação entre os sexos?

Estes temas não são novos. Os debates sobre a natureza judaica do Estado judeu revolveram desde os primeiros pensadores sionistas. Nesta unidade, os participantes explorarão a visão utópica de Herzl, estudarão a controvérsia que ela levantou e farão a pergunta: como seria uma sociedade judia ideal?

Metas

- Considerar diversos pontos de vista sobre a forma que uma sociedade judia ideal tomaria e perguntar de que maneiras o judaísmo pode ser traduzido em realidades sociais e culturais.
- Estudar a controvérsia entre Herzl, Berdichevski e Pines sobre este tema e analisar o lugar do judaísmo nas suas visões do sionismo.
- Entender a relevância destas questões para a sociedade israelense contemporânea.
- Formular e discutir opiniões pessoais sobre este tema.



Cartão postal (detalhe) EEUU 1906. Papel 8x11". The Hebrew Publishing Co., Nova Iorque. Do Arquivo Sionista Central, Jerusalém.

Sumário

**Nesta unidade os participantes:**

- Estudarão a novela utópica de Herzl, *Altneuland*, e discutirão como ela demonstra uma sociedade judia ideal (em grupos pequenos e com relatórios das discussões)
- Estudarão o debate entre Herzl, Berdichesvski e Pines sobre a natureza de uma sociedade judia ideal
- Discutirão o tema do que constitui uma “sociedade judia” e quais valores judaicos são mais importantes para o Estado de Israel.

### Instruções ao facilitador

1. Abra a atividade explicando que o sionismo teve sempre um elemento fortemente utópico. Os avançados Pensadores Sionistas, não apenas procuraram achar um Estado Judeu, mas também criar uma sociedade perfeita – perfeição, isto é qualquer que seja a religião, liberal, social-democrata ou ideologia Marxista, terão que conviver.
2. Depois, introduza a novela visionária de Herzl, *Altneuland*, e distribua trechos anexos ou do livro (págs. 39-42). Os participantes se dividem em pequenos grupos de 2 a 4 pessoas e recebem tempo para olhar as manchetes e escolher dois ou três trechos que os interessem. Peça aos participantes para estudar estes trechos e discutir duas questões:
  - De que maneira a “Nova Sociedade” visualizada por Herzl é uma sociedade ideal?
  - De que maneira é uma sociedade judia ideal?
3. Os participantes se reúnem novamente e são convidados a partilhar e discutir suas respostas às duas questões. Depois de dar tempo aos grupos de fazer seus relatos, abra uma discussão usando as seguintes perguntas:
  - Qual é a diferença entre uma sociedade ideal e uma sociedade judia ideal?
  - A visão de Herzl é judia?
  - Como você poderia atacar a visão de Herzl por não ser “suficientemente judia”?
  - Baseado em quais critérios você respondeu as duas últimas perguntas?
  - O judaísmo de uma sociedade reflete nas normas religiosas (ex.: shabat, sinagoga, o papel dos rabinos), culturais (moeda, teatro) ou valores sociais (tolerância, democracia, justiça social)?
4. Em algum ponto apropriado, explique que a visão de Herzl levantou uma furiosa controvérsia no movimento sionista da época. Os participantes recebem agora trechos (Págs. 43-44) de dois dos oponentes ideológicos de Herzl: Micah Joseph Berdichevski e Yehiel Michael Pines. Introduza brevemente os dois pensadores e peça a um participante para ler os textos.

Nenhum destes textos descreve uma visão de uma sociedade judia autêntica, mas ambos implicitamente criticam Herzl. Berdichevski debate a hipótese não mencionada de Herzl de que o judaísmo de uma sociedade se encontra na sua adoção de valores judaicos tradicionais, sejam religiosos, culturais ou éticos. Enquanto que a visão judaica de Herzl está contida no uso do shekel, temas bíblicos no teatro, a adoção do ano sabático e assim por diante, Berdichevski argumenta que devemos nos livrar desta bagagem opressiva e entender que a cultura judaica deve ser criada por um povo judeu livre e dignificado, sem o peso morto do passado.

Pines, ao contrário, argumenta contra a idéia de que o sionismo pode ser divorciado da religião. Para Pines, as identidades nacional e religiosa são a mesma coisa. Um autêntico nacionalismo judeu deve, portanto, estar baseado na observação da Torá. A Nova Sociedade de Herzl, que relega o judaísmo ao mundo privado e está dominado por judeus que têm apenas uma vaga conexão com a Torá e as *mitzvót*, claramente não atinge seu objetivo.



5. Levando isto em consideração, leve os participantes a uma discussão, baseado nos seguintes pontos:
  - Quais são as atitudes de Berdichevski e de Pines em relação à tradição judaica?
  - Como podem suas atitudes os levar a criticar a visão de Herzl?
  - Como poderiam as visões de Berdichevski e de Pines de uma nova sociedade judia diferir da de Herzl? Como iriam parecer as suas sociedades, do ponto de vista do judaísmo? (encoraje os participantes a imaginar o que Berdichevski e Pines teriam a dizer sobre temas concretos, como observação pública do shabat, estudos judaicos no currículo escolar, feriados nacionais, o conteúdo da cultura popular, a autoridade dos rabinos e assim por diante).
  - Com qual destas três visões – de Herzl, de Berdichevski e de Pines – você se identifica mais?
  - Em qual destas três sociedades você preferiria viver? Por quê?
  - O quê, se existir, das visões de uma sociedade judia ideal, seria possível implementar na diáspora? O que é impossível criar fora de um Estado judeu?
  
6. Exercício de conclusão: cada participante recebe um cartão com uma Estrela de David (pág. 38). Em cada ponta da estrela há um valor das visões que estudamos nesta atividade. Peça a cada participantes para escolher dois ou três valores mais importantes sobre os quais que ele/a acredita que o Estado judeu deve ser erguido, e convide-os a partilhar suas escolhas com o grupo.

Se os participantes tiverem um profundo conhecimento sobre a Sociedade Israelense e atualidades, você poderá concluir com uma última questão: como a sociedade contemporânea reflete (ou não) os valores que você escolheu? Que preocupações causa à você?

Igualdade racial, étnica e religiosa

Universalismo

Hebraico

Cultura judaica

Maioria judia

Justiça social

Religião

Igualdade racial, étnica e religiosa

Universalismo

Hebraico

Cultura judaica

Maioria judia

Justiça social

Religião

Igualdade racial, étnica e religiosa

Universalismo

Hebraico

Cultura judaica

Maioria judia

Justiça social

Religião

## De “*Altneuland*” por Theodor Herzl

*Altneuland* é a novela utópica de Herzl, onde ele descreve sua visão de uma nova sociedade judia a ser estabelecida na Terra de Israel. O livro relata a história de um Friedrich Loewenberg, um judeu educado da Europa central, incapaz de encontrar emprego como resultado do antisemitismo, aceita a oferta de viver numa ilha deserta tendo como companheiro um ermitão não-judeu, chamado Kingscourt. Retornando à civilização vinte anos depois, a dupla decide visitar a Palestina e encontram nela uma transformação irreconhecível. Lá eles encontram David Littwak, um líder da Nova Sociedade. Ele e sua família resolvem mostrar o país a Friedrich e Kingscourt e a responder suas perguntas.

### Direitos femininos

“...Miriam é uma professora na escola feminina,” (disse David Littwak de sua irmã).

Suas matérias são francês e inglês”.

“Então a pobre menina tem que trabalhar duro dando lições,” rosou Kingscourt.

David rindo resolveu responder à censura implícita. “Ela não faz isto para ganhar a vida. Eu não tenho que deixar minha irmã morrer de fome, graças a Deus. Mas ela tem seus deveres e os executa, porque ela também tem direitos. Na nossa Nova Sociedade, as mulheres têm direitos iguais aos homens”.

“Que diabos me mordam!”

“...Não imagine que nossas mulheres não são devotadas aos seus lares. Minha esposa, por exemplo, nunca vai às reuniões... Ela amamentou nosso filho, e assim esqueceu um pouco sobre seus direitos inalienáveis. Ela antes pertencia à oposição radical. Foi assim que eu a conheci, como uma oponente. Agora ela se opõe a mim apenas em casa, mas tão lealmente como você pode imaginar”.

### Igualdade Social e Bem-Estar Social

(David Littwak:) “Em filantropia, também, não criamos nada de novo. Nós simplesmente sistematizamos as velhas instituições, centralizando-as de forma apropriada. Assim somos capazes de cuidar de todos os doentes e necessitados. Existe menor demanda de caridade pública aqui por que as condições - tenho o direito de dizer - no seu total, são melhores. ..

Aqui, todos têm o direito de trabalhar - e, portanto, ao pão. Isto também implica no dever de trabalhar. Não toleramos a mendicância. As pessoas saudáveis que pegamos pedindo esmolas são condenadas à trabalhos forçados. Os doentes necessitados devem apenas se inscrever nas caridades públicas. Ninguém é rejeitado...

### Cultura Judaica

As mulheres já estavam vestidas para noite.

“Estes cavalheiros,” disse Sarah, “provavelmente não vão querer ver uma peça que podem ver em Londres ou Berlim ou Paris, embora neste momento estão em cartaz excelentes companhias francesas e italianas em Haifa. Acho que eles achariam as peças judias mais interessantes”.

“Existem peças judias”, perguntou Friedrich com surpresa.

“Você ainda não ouviu”, caçou Kingscourt, “que o teatro está completamente judaizado?”

Sarah deu uma olhada no jornal. “No Teatro Nacional hoje a noite tem um drama bíblico chamado de ‘Moisés’”.

“Um nobre tema,” comentou David.

“Mas sério demais. Está sendo apresentado ‘Shabatai Zvi’ na ópera. E em alguns dos teatros populares estão apresentando farsas em idish. Elas são divertidas, mas nem sempre de bom gosto. Eu recomendaria a ópera”.

### Dinheiro judeu

David se voltou à vendedora. “Quanto custa o par de luvas?”

“Seis shekel”.

“Puxa! O quê é isto?” se surpreendeu Kingscourt.

David sorriu. “Nossa moeda. Renovamos a antiga cunhagem hebraica. Um shekel tem o valor de um franco francês. Como você não possui moeda palestina, permita-me pagar por você”.

### Os feriados

Um enorme carro de turismo estava estacionado na frente da casa de Littwak. Era uma divina manhã de primavera... Friedrich estava feliz, inexplicavelmente feliz. Ele se sentia novamente jovem, exuberante. Ele caçou com sua graciosa companheira. “Como vai sua escola, senhorita Miriam? Pendurou seus deveres no gancho por algum tempo?”

“Ele não sabe nada!”, riu Miriam, “absolutamente nada sobre coisas judaicas. Permita-me informar a você, senhor, que nossas férias de Pessach começam hoje. Estamos saindo para visitar meus pais em Tibérias, porque vamos celebrar o Seder lá. David não disse nada a você sobre isto?”

“Seu irmão mencionou várias vezes que eu deveria ouvir mais sobre o êxodo judeu em Tibérias. Então era isto que ele pretendia... Bem, eu ainda me lembro do êxodo do Egito da minha infância”.

“Pode ser que ele pretendia outra coisa, também”, disse Miriam pensativamente.

### Os Direitos dos Árabes e a Justiça Social

“Uma pergunta, Reshid Bey”, interrompeu Kingscourt (se dirigindo ao amigo árabe de David Littwak). “Que estes cavalheiros me perdoem, mas você está sendo modesto demais. Os antigos habitantes da Palestina não foram arruinados pela imigração judia? E eles não tiveram que abandonar o país? Estou falando de modo geral. Que alguns indivíduos aqui e ali tenham tirado proveito disso não prova nada”.

“Nada disso! Foi uma grande bênção para todos nós”, retrucou Reshid. “Naturalmente, os donos de terras ganharam mais, porque puderam vender suas terras para a sociedade judia a preços altos, ou esperar por preços mais altos ainda. Eu, de minha parte, vendi minha terra à nossa Nova Sociedade por que tirei vantagens disto”.

“Mas você não disse há momentos atrás que estes pomares que passamos eram seus?”

“Certo! Depois de tê-los vendido à Nova Sociedade, eu as arrendei de volta”.

“Então você não deveria ter vendido em primeiro lugar”.

“Mas tive mais vantagens em vender. Como eu queria entrar na Nova Sociedade, tive que me submeter aos seus regulamentos da terra. Seus membros não têm nenhuma propriedade privada de terras”.

“Então Friedrichsheim não pertence a você, Sr. Littwak”.

“Não o terreno. Eu o arrendei apenas até o próximo ano de jubileu, como meu amigo Reshid o fez com seus pomares”.

“Ano de jubileu? Favor explicar. Acho que dormi demais naquela ilha”.

“O ano de jubileu”, explicou David, “não é uma instituição nova, ela é antiga, declarada por nosso Mestre Moisés. Depois de sete vezes sete anos, ou seja, no ano 50, a terra que foi vendida retorna de volta ao seu dono original, sem compensação. Mas nós arranjamos isto de forma diferente. A terra agora reverte à Nova Sociedade. Moisés, na sua época, queria distribuir a terra a fim de assegurar a justiça social. Você verá que nossos métodos tem esta mesma finalidade. O aumento de valor da terra beneficia o público, não o proprietário individual”.

## Rabinos

A multidão de agricultores abriu uma passagem para o visitante. “O Rabino Shmuel chegou!”

O Rabino Shmuel era um homem velho e curvado, com uma aparência gentil. Ele segurou a mão de David em suas mãos e o saudou cordialmente. Obviamente, ele não se juntou a Mendel e a oposição (Mendel é um seguidor do Rabino Geyer, o líder de uma campanha para exclusividade de judeus na Nova Sociedade).

Miriam disse aos visitantes em voz baixa que o rabino de barbas brancas tinha vindo com o primeiro grupo de imigrantes. Quando ele veio, esta planície fértil era ainda um deserto; a planície de Asochis naquela direção - atrás das montanhas ao norte - estava coberta por um pantanal e o grande Vale de Jezreel ao sul ainda mostrava os efeitos de uma longa negligência. O Rabino Shmuel era o consolador dos habitantes de Neudorf, a maioria dos quais tinha vindo da Rússia para lutar com o antigo solo. Ele era e permanecia um simples rabino de campo, morando com a congregação de sua vila, mas freqüentemente era chamado pelas grandes comunidades urbanas. Ele era honrado por todos por sua vida sábia e devota. O bairro leste da vila, chamado de Jardim do Shmuel, onde ele tinha sua pequena casa, foi nomeado em sua honra. Quando ele pregava nos feriados em Neudorf, as pessoas vinham de longe para ouvi-lo.

## Tibérias Cosmopolita

Assim que acomodações nos hotéis de primeira classe ficaram disponíveis em Tibérias, os turistas não paravam de chegar. Experientes hoteleiros suíços foram os primeiros a identificar as vantagens climáticas e a beleza cênica do local, e prosperaram de acordo.

O carro agora passava por alguns destes hotéis. Homens e mulheres nas sacadas observavam com caleidoscópio o trânsito no lago e na estrada. Mulheres e jovens em branco jogavam tênis nas canchas atrás dos hotéis. Bandas húngaras, romenas e italianas em trajes típicos se apresentavam em várias praças. Tudo isto foi observado de relance pelos visitantes, cujo destino era um pouco além deste ponto. Eles cruzaram Tibérias de norte a sul, olhando pelas pequenas ruas secundárias que partiam da estrada principal. Havia grandes e silenciosas mansões em lindas praças, mesquitas imponentes, igrejas com cruces latinas e gregas, magníficas sinagogas construídas de pedra. O pequeno porto oriental fervilhava com o tráfego. No extremo sul da cidade haviam mais hotéis e mansões numa linda rua que precisava de meia hora para se percorrer a pé. Em todos os lugares haviam jardins. Os banhos quentes estavam no final da estrada .

## Shabat em Jerusalém

A visita de Friedrich ao Templo foi numa sexta-feira, final de tarde... As ruas, que ao meio-dia estavam cheias de trânsito, estavam agora silenciosas. Viam-se poucos automóveis, todas as lojas estavam fechadas. Devagar e pacificamente, o shabat caía sobre a ruidosa cidade. Multidões de fiéis faziam seu caminho ao Templo e às muitas sinagogas na Cidade Velha e na Nova, para rezar ao Deus cuja bandeira Israel tinha erguido através do mundo por milhares de anos...

Qualquer que seja sua atitude em relação à religião, ninguém podia escapar da atmosfera reverente do shabat nas ruas de Jerusalém, ao se encontrarem as multidões em silêncio trocavam saudações.

## Jerusalém como uma Cidade Universal

A magia do shabat caiu sobre a Cidade Santa, agora livre da sujeira, do barulho e dos maus odores que tão freqüentemente haviam revoltado os peregrinos devotos de todas as crenças, quando, depois de longas e difíceis viagens, haviam atingido sua meta. Nos velhos tempos, eles tinham que suportar muitas cenas revoltantes antes de chegar aos seus santuários. Tudo era diferente agora. Não mais haviam casas particulares na Cidade Velha, as vielas e as ruas estavam pavimentadas com gosto e bem cuidadas. Todos os prédios estavam devotados a fins religiosos e benevolentes - estalagens para peregrinos de todas as religiões e seitas. Instituições muçulmanas, judias e cristãs de caridade, hospitais e clínicas estavam erguidas lado a lado. No centro de uma grande praça estava o magnífico Palácio da Paz, onde se realizavam congressos internacionais científicos e sobre a paz, pois Jerusalém era agora a moradia dos melhores esforços do espírito humano: Fé, Amor e Sabedoria... Suas atividades não incluíam apenas a Palestina e os judeus, mas todos os países e todos os povos.

## Arte, ciência e religião

Os ditos modernos de seus dias (Friedrich) tinham colocado objeções ao sionismo, à idéia do renascimento nacional do povo judeu, acreditando que ele acarretaria uma forte reação, do tipo terrorismo milenar. E aqui estava Isaac (um artista) declarando que não era nada disto. Na Nova Sociedade havia de tudo, menos deterioração intelectual, mesmo que fosse permitido a cada um encontrar a salvação a sua própria maneira. A religião foi excluída dos negócios públicos de uma vez por todas. A Nova Sociedade não se importava se uma pessoa procurava a verdade eterna num templo, igreja ou mesquita, num museu de arte ou num concerto da filarmônica.

## Educação

"Obrigado, senhor", disse Kingscourt. "Agora entendo. Você poderia completar sua ajuda dizendo-me de onde vêm todas estas crianças?" (Eles estavam passando pelas quadras de jogos, e os meninos estavam jogando críquete e futebol e as meninas, tênis).

"Eles vieram das escolas perto deste parque. As classes vêm para cá em turnos para o atletismo. A educação física é considerada tão importante quanto o desenvolvimento mental".

"Eles parecem pertencer apenas a famílias ricas," comentou Friedrich. "Todos eles estão limpos e bem vestidos".

"Nada disso, senhor. Eles vêm de todos os tipos de lares. Nós não permitimos distinções de qualquer tipo em nossas escolas, nas roupas ou em qualquer outra coisa. As únicas diferenças são aquelas criadas pelos alunos através de esforço ou talento natural. Nossa Nova Sociedade é completamente oposta, entretanto, a qualquer processo de nivelção. Cada um de acordo com seu desejo!"

"Não abolimos a competição. As condições são as mesmas para todos, como numa corrida ou competição com prêmios. Todos devem estar nas mesmas condições na partida, mas não no final..."

Fonte: *Velha Terra Nova*, traduzido por Lotta Levensohn (Nova Iorque, 1987)

## Micah Joseph Berdichevski

Micah Joseph Berdichevski (1865-1921) era um distinguido escritor hebraico e pensador sionista. Ele nasceu de uma honrada linhagem de rabinos na Rússia e, na sua juventude se destacou nos estudos talmúdicos e hassídicos. Foi desonrado pelo seu pai, quando foi surpreendido estudando obras seculares. Emigrando para a Europa ocidental, ele foi influenciado por Nietzsche, cuja crença nas “avaliações de todos os valores” supriu elementos para os ataques de Berdichevski contra o judaísmo tradicional.

### De “Destruição e Construção” (1903)

Nossos corações, ardentes por vida, sentem que a ressurreição de Israel depende de uma revolução - os judeus devem vir em primeiro lugar, antes do judaísmo - o homem vivo antes do legado de seus ancestrais.

Devemos cessar de ser judeus pela virtude de um judaísmo abstrato e nos tornarmos judeus de direito próprio, como uma nacionalidade viva e em desenvolvimento. O “credo” tradicional não é mais suficiente para nós.

Desejamos elevar nossos poderes de pensamento, enriquecer nosso espírito, alargar nossa capacidade de ação; mas nunca forçar nossos espíritos de forma fixa que nos prescreva o que pensar e o que sentir.

Não são reformas mas sim avaliações do que necessitamos - avaliações fundamentais em todo o curso de nossa vida, em nossos pensamentos, em nossas próprias almas.

Os estudos e a religião judaica não são nossos valores básicos - cada pessoa pode ser mais ou menos devotado como quiser. Mas o povo de Israel deve vir antes deles - “Israel precede à Torá”...

Devemos cessar de sermos tabelas onde os livros são transcritos e pensamentos transmitidos - sempre transmitidos...

Tal escolha nos promete um nobre futuro; a alternativa é de permanecer um povo disperso seguindo seus pastores errantes. Temos uma grande responsabilidade, pois tudo está em nossas mãos! Somos os últimos judeus - ou somos os primeiros de uma nova nação.



Base de tinteiro, mármore e bronze. Cedido por Amnon Te'ens, Tel Aviv

## Yehiel Michael Pines

Yehiel Michael Pines (1842-1912) cresceu num lar religioso na Polônia dominada pela Rússia, mas, além de seus estudos judaicos tradicionais, recebeu uma educação secular. Já conhecido como um peculiar defensor da ortodoxia, Pines fez aliá em 1878. Apesar de estar associado com os nacionalistas seculares Ben Yehuda e Ahad Ha'am, Pines os criticava, tornando-se um dos pioneiros do sionismo religioso.

### De "O Nacionalismo Judeu não pode ser Secular" e "Religião é a Fonte do Nacionalismo Judeu" (1895)

Não tenho nenhuma simpatia com a idéia atualmente na moda, com o movimento para fazer do povo judeu uma nacionalidade secular em lugar da combinação de religião e nacionalidade, que nos capacitou sobreviver até hoje...

É como tentar privar um corpo vivo de sua alma para ressuscitá-lo com choque elétrico, o que pode ter valor na ressurreição, mas não é nenhum substituto para a vida real...

Qualquer outro povo pode talvez ter uma aspiração nacional divorciada de sua religião, mas nós, os judeus, não. Tal nacionalismo é abominável para os judeus. Além disso, ele não pode ser bem sucedido, porque não tem raízes na nossa realidade. O que é uma nacionalidade judia divorciada da religião judaica? É uma fórmula vazia, nada além de frases bonitas. Afinal de contas, o que é "nacionalidade", se não um conceito, ou, em outras palavras, uma imagem de pensamento. Mas uma imagem de pensamento que não tem base na realidade é uma ilusão. Que outra base na realidade pode haver para a imagem de pensamento da nacionalidade judia, exceto a unidade do povo judeu com a Torá e sua fé?

Fonte: *A Idéia Sionista*, editado por Arthur Hertzberg (Jewish Publication Society, 1959).



Certificado emitido pelo Keren Kayemet Le'Israel

# T raduzindo visões sionistas em realidade

## Introdução

O povo judeu de nossos dias sofre sérios desafios de segurança, identidade e demografia. Os sionistas, junto com outros judeus praticantes, enfrentam a responsabilidade de decidir como responder a estes desafios. Devem eles enfatizar a segurança do Estado de Israel, trabalhando, enviando doações e investindo na economia de Israel? Deve o foco estar na criação de uma forte conexão entre Israel e a diáspora: enviando jovens e adultos em viagens a Israel e levando jovens israelenses para trabalhar como educadores nas comunidades da diáspora? Ou talvez a prioridade dos sionistas deva ser a aliá – um compromisso pessoal de viver em Israel.

O movimento sionista da época de Herzl – e logo depois de sua morte – enfrentava dilemas similares. Emergiram três escolas de pensamento. Os sionistas práticos acreditavam que a revolução necessária na vida judaica seria possível só através da aliá e da colonização na Terra de Israel. Os sionistas políticos (Herzl entre eles) argumentavam que o trabalho diplomático e de levantamento de recursos era a prioridade, para assegurar apoio internacional à criação de um Estado judeu. Os sionistas culturais achavam que o principal objetivo do sionismo era um renascimento espiritual e, para esta finalidade, os recursos deveriam ser dirigidos ao trabalho educacional e cultural.

Que lições podemos aprender destas três ideologias, e de que forma são elas relevantes na situação contemporânea do povo judeu? Estas são as questões com as quais os participantes se debaterão nesta unidade.

## Metas

- Estudar as debates que aconteceram nos princípios do movimento sionista e se familiarizar com as ideologias e estratégias do sionismo político, cultural e prático
- Discutir como as atuais comunidades judaicas e o movimento sionista devem fixar as prioridades e dedicar recursos num esforço para realizar suas visões
- Explorar que caminhos e valores ideológicos foram traduzidos em realidade através de – e refletidos em – decisões sobre estratégia

## Sumário

### Nesta unidade, os participantes:

- Estudarão o Programa da Basiléia
- Estudarão as ideologias do Sionismo Político, Cultural e Prático (em grupos pequenos) e relatarão seus resultados.
- Simularão uma reunião da Comissão de Verbas, na qual as prioridades sionistas são debatidas e determinadas.
- Simularão uma reflexão, discutindo a relevância das várias estratégias no mundo sionista atual.



Cartão postal do 50º Aniversário do primeiro Congresso Sionista na Basiléia



Instruções ao facilitador

1. Abra a sessão nas seguintes linhas: Herzl convocou o primeiro Congresso Sionista na Basileia, Suíça, em 1897. A principal realização do congresso foi a adoção do Programa da Basileia, uma declaração das metas ideológicas e estratégicas do sionismo.

Distribua cópias do Programa da Basileia (pág. 49) e peça a um participante para o ler em voz alta. Analisando o documento com os participantes, explique que o Programa refletia uma conciliação de três tendências dentro do nascente movimento sionista:

- ↘ Sionistas políticos, liderados por Herzl, que acreditavam na primazia do trabalho diplomático e organizacional para conseguir um título internacionalmente reconhecido para a criação de um lar judaico,
- ↘ Sionistas práticos, que queriam priorizar a imigração, compra de terras, atividades de colonização e agricultura na Terra de Israel e
- ↘ Sionistas culturais (ou espirituais) que definiam o sionismo em primeiro lugar como um despertar nacional do povo judeu e sentiam que o movimento deveria priorizar o trabalho educacional e cultural hebraico, por exemplo, fundando instituições de educação hebraico-sionista e publicando nova literatura e jornais hebraicos.

Herzl sempre deu prioridade ao trabalho diplomático e organizacional na suposição que seria possível obter o alvará para a colonização da Terra de Israel dentro de poucos anos, e que a atividade colonizadora ilegal feita antes disto colocaria em risco todo o processo. Depois de sua morte em 1904, ficou claro que nenhum alvará estava a caminho. Como resultado, irrompeu um debate sobre o futuro curso a ser tomado pelo movimento sionista.

2. Os participantes se dividem em três pequenos grupos. Cada grupo recebe trechos de um destes três artigos:
  - ↘ Theodor Herzl, “Discurso no Primeiro Congresso Sionista” (sionismo político) (pág. 50)
  - ↘ Menachem Ussishkin, “Nosso Programa: Um Ensaio” (sionismo prático) (pág. 51)
  - ↘ Ahad Ha’am, “Renovação Espiritual” (sionismo cultural) (pág. 52)

Dê aos participantes tempo para estudar estes artigos. Peça a cada grupo para anotar as vantagens e as desvantagens que vêm na estratégia que estão estudando.

3. Reúna o grupo e peça aos seus representantes para expor a sua estratégia, junto com suas vantagens e desvantagens.

4. Sugira ao grupo que os debates sobre estratégia freqüentemente refletem conflitos mais fundamentais. Por exemplo, muitos dos sionistas políticos vinham assimilados da Europa ocidental e viam o sionismo como uma solução para o antisemitismo. Como resultado, eles

queriam uma solução rápida e estavam pouco preocupados com temas de cultura e identidade judaica. Os sionistas culturais, por outro lado, tendiam a ser Europeus do leste, mais enraizados na cultura nacional judia e objetivavam uma revolução fundamental mais prolongada sobre o que significava ser judeu. Como tal, eles tinham uma tendência de dar mais importância à Terra de Israel e à renovação espiritual e estavam preparados a agir de forma mais gradual.

5. Informe ao grupo que a meta do próximo estágio de atividades será explorar algumas implicações contemporâneas do debate histórico sobre o qual estão aprendendo. Peça a eles para imaginarem que são a Comissão de Verbas da Organização sionista local, cuja função é dividir as verbas levantadas no ano passado entre os vários projetos que a organização apóia.
6. Distribua cartões (pág. 48) com as várias propostas de projetos no centro da mesa. A primeira tarefa do grupo será colocá-los em ordem de prioridade, e depois, decidir qual proporção de um orçamento de US\$100.000 (ou equivalente) deverá ser alocada para cada projeto, escrevendo as somas alocadas em cada cartão apropriado. O grupo, claro, pode decidir não dedicar nenhuma verba para qualquer um dos projetos.
7. Depois de ter dado tempo para que o grupo crie uma lista de prioridades e divida o orçamento, encoraje-os a refletir e a discutir os resultados. Baseie as discussões ao redor das seguintes perguntas:
  - ↘ Como você se sente com o orçamento que criaram? O que você gosta nele e o que o faz sentir-se desconfortável?
  - ↘ Alguns dos títulos dos orçamentos refletem trabalho “interno” – focando no processo entre a comunidade judaica e Israel – enquanto que outros são mais “externos” – focando o relacionamento de Israel e da comunidade judaica com não-judeus. Quais destas áreas devemos priorizar e por quê?
  - ↘ Quais destes títulos de orçamento beneficiam Israel e quais são em benefício da comunidade judaica local? Qual área necessita ser priorizada?
  - ↘ Que diferença teria se israelenses tivessem participado da atividade? Suas prioridades seriam diferentes?
  - ↘ Qual dos três tipos de sionismo estão refletidos no orçamento criado por vocês? Qual, se existir, é o mais relevante hoje e por quê?
  - ↘ Que valores judaicos-sionistas estão refletidos no orçamento? Que valores não foram enfatizados? (exemplos de valores: educação, orgulho, auto-defesa, conexão com a Terra, comunidade, salvar vidas, aliá...)
8. Para concluir, peça aos participantes inventarem um nome para o tipo de sionismo que acreditam ser relevante hoje em dia. Eles estão livres para usar os três nomes que apareceram nesta atividade, mas devem se certificar que o tipo de sionismo que criaram deve ser relevante para as necessidades atuais do povo judeu, como eles o entendem. Para este fim, cada um deve escrever um parágrafo contendo a essência do sionismo que ele pessoalmente abraça. Os participantes são convidados a partilhar seus pensamentos com o grupo.

## Cartões:

✂  
↳ Outros

✂  
↳ Apoiar o *Keren Kayemet Le'Israel* (Fundação Nacional Judaica) (reflorestamento, reclamação de terras, desenvolvimento de recursos de água, temas de meio ambiente)

✂  
↳ Programas da Agência Judaica para os desprivilegiados sociais e econômicos de Israel

✂  
↳ Educação hebraica e sionista em escolas judaicas locais

✂  
↳ Ajuda a imigrantes necessitados em Israel

✂  
↳ Programa de Jovens Emissários trazendo jovens israelenses para trabalhar nas escolas e acampamentos de verão da comunidade

↳ Operações da Organização de Segurança Comunitária local

✂  
↳ Apoio à Organização de Rabinos para Direitos Humanos

✂  
↳ Subsídios e doações para membros da comunidade que fazem alia

✂  
↳ Doações para a *Magen David Adom* em Israel

✂  
↳ Viagens para Israel de jovens e adultos

✂  
↳ Lobby político pró-Israel

↳ Suporte de vítimas do terrorismo árabe



## O Programa da Basiléia

Adotado pelo Primeiro Congresso Sionista, 1897

O objetivo do sionismo é criar para o povo judeu um lar na Palestina assegurado pelo direito público.

O Congresso contempla os seguintes meios para atingir este objetivo:

1. A promoção, em linhas apropriadas, da colonização da Palestina por agricultores e trabalhadores industriais judeus.
2. A organização e a união do judaísmo como um todo, através de instituições apropriadas, locais e internacionais, de acordo com as leis de cada país.
3. O fortalecimento e a promoção de sentimento e consciência nacional judaica.
4. Passos preparatórios para obter o consentimento governamental, onde necessário, para a alcançar o objetivo do sionismo.



## O Programa da Basiléia

Adotado pelo Primeiro Congresso Sionista, 1897

O objetivo do sionismo é criar para o povo judeu um lar na Palestina assegurado pelo direito público.

O Congresso contempla os seguintes meios para atingir este objetivo:

1. A promoção, em linhas apropriadas, da colonização da Palestina por agricultores e trabalhadores industriais judeus.
2. A organização e a união do judaísmo como um todo, através de instituições apropriadas, locais e internacionais, de acordo com as leis de cada país.
3. O fortalecimento e a promoção de sentimento e consciência nacional judaica.
4. Passos preparatórios para obter o consentimento governamental, onde necessário, para a alcançar o objetivo do sionismo.

## Sionismo Político

### Theodor Herzl, *"Discurso no Primeiro Congresso Sionista", 1897*

...Nunca poderemos, e não desejaremos, falar das tentativas de colonização (do sionismo no século XIX) na Palestina e na Argentina de outra maneira senão com genuína gratidão. Mas eles disseram a primeira, não a última palavra do movimento sionista. Para existir o movimento sionista deve ter maior alcance. Um povo pode ser ajudado apenas pelos seus próprios esforços e se ele não consegue se ajudar a si mesmo, a causa está perdida. Mas nós sionistas queremos despertar o povo para a independência. Nenhuma esperança prematura e mal projetada deve ser despertada nesta direção. Esta é outra razão porque o procedimento público, como planejado pelo nosso Congresso, é tão essencial.

Os que consideram com cuidado este tema devem certamente admitir que o sionismo não pode ganhar terreno a não ser através de uma inequívoca compreensão das unidades políticas envolvidas...A confiança do governo com o que queremos negociar em relação ao assentamento de massas judias em larga escala pode ser adquirida com linguagem simples e negociações honestas. As vantagens que um povo inteiro pode oferecer em troca dos benefícios recebidos são tão consideráveis que as negociações adquirem a priori suficiente importância. Seria um início inútil entrar em prolongadas discussões sobre o formato legal que o acordo finalmente assumirá. Mas uma coisa deve ser inviolável: o acordo deve estar baseado em direitos, e não em tolerância. Na verdade, tivemos suficiente experiência de tolerância e de "proteção", que pode ser retirada a qualquer momento.

Conseqüentemente, o único curso razoável de ação que nosso movimento pode seguir é trabalhar para receber garantias públicas legalizadas. Os resultados da colonização como tem sido levada até agora foram bastante satisfatórios dentro de suas limitações. Ela confirmou a disputada aptidão dos judeus para o trabalho agrícola. Ela estabeleceu esta prova para todos os tempos, como diz a frase legal. Mas a colonização na sua atual forma não é, e não pode ser, a solução da questão judaica. E devemos admitir sem reservas, que ela falhou em invocar minha simpatia. Por quê? Porque os judeus sabem como calcular. Na verdade, já foi afirmado que eles sabem calcular bem demais. Assim, se assumirmos que existem nove milhões de judeus no mundo, e que seria possível assentar dez mil judeus na Palestina cada ano, então a questão judaica levaria novecentos anos para ser resolvida. Isto parece ser impraticável.

Por outro lado, vocês sabem que contar com dez mil colonos por ano sob as circunstâncias atuais é algo de fantástico. O governo turco iria com certeza desenterrar imediatamente antigas restrições de imigração e contra isto teríamos poucas objeções. Se alguém pensa que os judeus podem entrar ilegalmente na terra de seus ancestrais, ele está se iludindo e iludindo aos outros...

Assim que um acordo satisfatório for concluído com as várias unidades políticas envolvidas e uma imigração judaica sistemática iniciar, ela demorará apenas o tempo em que cada país deseja livrar-se de seus judeus. Como iria a corrente estancar? Simplesmente pela gradual queda e cessação final do antisemitismo. Assim é que entendemos e antecipamos a solução do problema judaico.

*Fonte: A Idéia Sionista, editado por Arthur Hertzberg (Jewish Publication Society, 1959).*

## Sionismo Prático

## Menachen Ussishkin, "Nosso Programa: Um Ensaio" (Nova Iorque 1905)

Menachen Ussishkin foi um membro pioneiro de *Hibat Zion* (Os Amantes de Sião), o movimento nacional judaico que surgiu depois dos pogroms russos de 1881. Ele se tornou o líder do sionismo russo e incitou o movimento sionista a priorizar o trabalho de colonização na Terra de Israel como a melhor maneira de atingir seus objetivos. Ussishkin fez aliá em 1919 e em 1923 foi nomeado chefe do JNF, uma posição que manteve por 20 anos.

Tão amplamente todos se convenceram da impossibilidade de iniciar qualquer coisa séria na Palestina, que eu considero necessário esclarecer que a Palestina oferece um largo campo de atividade, mesmo sob a condição presente. Gostaria de esclarecer que temos poderes restritos sob nosso comando, para executar todo o trabalho que já existe lá.

Devemos, portanto, proceder imediatamente a adquirir terras. *Gueulat Ha'aretz*, "a redenção da terra", deve ser nosso lema no momento. Devemos comprar de qualquer maneira, com todos os meios à nossa disposição, toda terra, não importa qual, o que se tornar disponível agora, pois não há nenhum terreno na Palestina que não será útil, mais cedo ou mais tarde, para um uso ou outro...

Esta é a situação do Problema do Trabalho na Palestina. Entre muitos milhares de árabes existem apenas poucos trabalhadores judeus. Este é no verdadeiro sentido da palavra o ponto dolorido em nossa colonização. Mesmo que a solução deste problema seja difícil e desagradável como o é, ela deve ser obtida de forma imediata e incondicional. Por outro lado, toda a colonização da Palestina está erguida sobre a areia, ou melhor, sobre um vulcão...

Se faz necessário, de uma vez por todas, substituir o trabalhador árabe pelo judeu. Mas como fazer isto?

Uma Sociedade Judia Universal de Trabalhadores deve ser formada por jovens solteiros, física e mentalmente saudáveis. Deve ser o dever de cada membro desta sociedade ficar na Palestina por três anos, para exercer lá seu dever militar ao povo judeu, não com mosquete e espada, mas com arado e foice. Estes milhares de jovens estarão obrigados a se apresentar nas colônias, para oferecer seus serviços como trabalhadores pelos mesmos salários como recebidos pelos árabes...

Depois de três anos de serviço ao seu povo, eles terão o direito de se devotar às suas próprias fortunas. Formando tal sociedade, conseguiremos atingir outro objetivo, não menos importante. O elo entre os judeus da Palestina e os judeus nas terras do exílio deixará de ser apenas no papel (preces, livros, jornais), e criará vida. Centenas de jovens levarão para a Palestina os sentimentos e as idéias daqueles que trabalham em prol da Palestina, enquanto que outras centenas transmitirão a nós da Palestina os sentimentos e as idéias daqueles que trabalham na Palestina.

Mas teremos jovens prontos para tal sacrifício? Eu tenho a esperança que sim. Se tivemos um "Bilu" no início dos anos oitenta, estou convencido que agora teremos milhares. A juventude é muito suscetível. Ela tende ao auto-sacrifício. Ela apenas deve ser chamada e ter o caminho apontado para ela. Isto é o que eu estou fazendo.

## Sionismo Cultural

### Ahad Ha'am, "Renovação espiritual" (Minsk 1902)

Ahad Ha'am foi o nome artístico adotado por Asher Ginsberg (1856-1927), um judeu russo, jornalista hebraico e líder sionista. Ahad Ha'am cresceu num lar religioso, mas ao ler escondido os clássicos da cultura européia, perdeu sua fé religiosa e começou a se definir como um nacionalista secular. Ahad Ha'am fez aliá em 1921 e morou em Tel Aviv até sua morte.

E agora um novo sionismo se ergueu e adotou o termo de "político" como seu epíteto descritivo. O quê, exatamente, significa este nome?... Ele foi considerado pelos sionistas políticos como significando algo assim: os primeiros sionistas incluíram no sionismo tudo o que pertencia ao desenvolvimento de uma individualidade nacional hebraica, enquanto que para nós ele significa apenas o objetivo político. O sionismo para nós significa simplesmente a fundação da Palestina, através de negociações diplomáticas com a Turquia e outros poderes, de um "refúgio seguro" para todos os judeus oprimidos e perseguidos, que não estão vivendo sob condições toleráveis em seus países nativos, e que procuram uma maneira de escapar da pobreza e da fome. Até o Programa da Basiléia contribuiu para fixar esta idéia nas mentes das pessoas, porque no seu primeiro parágrafo ele definiu o objetivo do sionismo assim: "Para fundar na Palestina um refúgio seguro para o povo judeu", não mencionando a nacionalidade judaica... O conceito sionista se estreitou, perdendo metade de seu significado...

Cada verdadeiro amante do sionismo deve compreender o perigo que ele incorre através da difusão da idéia que não se relaciona com nada mais do que a diplomacia e transações financeiras, e que todo o trabalho nacional interno é algo separado, que não pertence ou faz parte do sionismo em si. Se esta idéia ganhar aceitação geral, ela levará o sionismo a um nível muito baixo. Ela fará do sionismo uma frase oca, sem significado, um mero romance de embaixadas diplomáticas, entrevistas com altos personagens, promessas, *et hoc genus omne*. Tal romance atrai a imaginação, mas não deixa nenhum espaço para o trabalho criativo, que só ele pode saciar a sede pela atividade.

Quando, portanto, queremos uma clara e explícita declaração de que o trabalho para a renovação do espírito nacional e o desenvolvimento de seus produtos faz parte da essência mesmo do sionismo, e que o sionismo é inconcebível sem tal trabalho, não estamos dando vazão a uma fórmula oca, ou lutando por um nome. Estamos esforçando-nos para salvar a honra do sionismo, e para preservá-lo de ser estreitado e deteriorado, que será o inevitável, embora indesejado, resultado da ação daqueles líderes e campeões do movimento que desejam confiná-lo apenas ao aspecto político...

E assim a fundação de uma singular e grande escola de estudos ou de arte na Palestina, o estabelecimento de uma única universidade para o estudo da língua e da literatura, seria, ao meu ver, um trabalho nacional da mais alta importância, e contribuiria mais para nos aproximar de nosso objetivo do que uma centena de colônias agrícolas. Pois estas colônias são, como disse, nada mais do que tijolos para a construção do futuro: em si elas ainda não podem ser vistas como uma força central capaz de moldar de novo a vida de todo um povo. Mas uma grande instituição educacional na Palestina, que deverá atrair judeus de estudos e habilidades em grandes números para fazer seu trabalho em linhas nacionais judaicas, dentro de um verdadeiro espírito judeu, sem constrangimentos ou influências impróprias externas, podem ainda rejuvenescer todo o povo e soprar nova vida no judaísmo e na literatura judia.

Fonte: Ensaios Seletos de Ahad Ha'am, traduzidos e editados por Leon Simon (Jewish Publication Society, 1962).

# O sionismo atingiu suas metas?

## Introdução

O sionismo almejava revolucionar a vida judaica. Herzl acreditava que o estabelecimento de um Estado Judeu e a conseqüente emigração em massa de seus lares na diáspora colocariam um ponto final, de uma vez por todas, ao antisemitismo, e permitiria aos judeus viver suas vidas como indivíduos livres, orgulhosos e criativos. Outros pensadores fizeram semelhantes declarações revolucionárias, argumentando que o sionismo iria resolver os problemas do povo judeu nas frentes social, econômica, cultural e religiosa.

O sionismo teve êxito? De um lado, o Estado de Israel foi criado e, com ele, uma nova base nacional para a vida política, econômica e cultural dos judeus. Mas o sionismo ainda tem muitas tarefas não concluídas: a paz e a segurança devem ainda ser atingidas, Israel enfrenta sérios problemas sociais e culturais, e os judeus na diáspora continuam a confrontar os desafios da assimilação e antisemitismo.

Nesta atividade de conclusão, os participantes deverão avaliar os sucessos (e as falhas) do sionismo e, sob esta luz, discutir o caminho que o sionismo contemporâneo deve seguir. Finalmente, eles perguntarão aquela que talvez seja a pergunta mais importante de todas: quais são as minhas responsabilidades com o povo judeu e o movimento sionista – o que eu posso fazer?

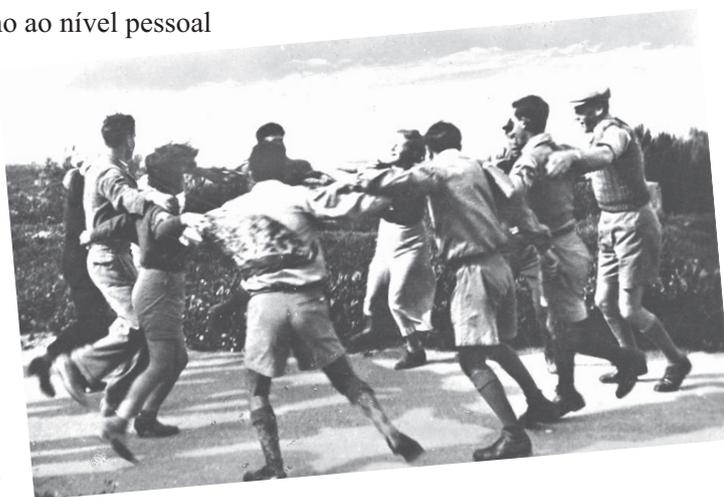
## Metas

- Examinar as formas pelas quais a visão de Herzl do povo judeu foi realizada e as áreas onde os objetivos não foram atingidos.
- Avaliar as metas de Herzl de forma crítica
- Explorar as alternativas, formulações contemporâneas dos objetivos do sionismo
- Definir prioridades práticas e objetivos do sionismo ao nível pessoal

## Sumário

### Nesta unidade os participantes:

- Lerão os argumentos de Eliezer Schweid quanto ao sucesso do sionismo político
- Analisarão os argumentos de Schweid estudando ítems da mídia sobre matérias de absorção de imigrantes, demografia judaica, paz e segurança (trabalho em pequenos grupos)
- Explorarão metas alternativas para o futuro do sionismo, discutindo as posições de Hillel Halkin, Shlomo Avineri, Arnold Eisen e David Breakstone
- Formularão metas para o sionismo contemporâneo, discutindo o Programa de Jerusalém.



## Instruções ao facilitador

1. Distribua cópias do trecho do artigo de Eliezer Schweid, “As Metas do Sionismo Hoje” (pág. 56) e peça a um participante para ler em voz alta. Explique que durante esta atividade, o grupo deverá avaliar o argumento de Schweid de que o sionismo político de Herzl atingiu suas metas.
2. Divida os participantes em três grupos. Cada grupo deverá avaliar um dos argumentos de Schweid – feitos em 1996 – a luz da realidade contemporânea, como refletido nos artigos dos meios de comunicação (pág.: 57-66). Os artigos têm o propósito de fornecer perspectivas e

pontos de consideração, mais do que um retrato momentâneo da situação. Os participantes deverão se sentir livres para utilizar seus próprios conhecimentos e compreensão da situação de Israel e do povo judeu para chegar a uma conclusão.

3. Depois de ter tempo para o estudo, discutir e chegar a conclusões, os participantes se reúnem novamente. Os subgrupos ensinam aos outros o que aprenderam e apresentam suas conclusões sobre o sucesso do sionismo político.
4. Peça ao grupo para discutir as seguintes questões após suas apresentações: com que extensão o sionismo se mostrou ser uma solução aos problemas enfrentados pelo povo judeu? Existem áreas em que ele criou mais problemas do que resolveu?
5. Explique que a visão política de Herzl estava longe de ser a última palavra sobre o sionismo. Herzl ele próprio, além de uma gama de outros pensadores, acreditava que o papel do sionismo era efetuar uma revolução social ou espiritual fundamental no povo judeu. Desde a criação do Estado de Israel – a mais clara realização dos objetivos nacionalistas judaicos – os pensadores sionistas continuaram a debater sua visão e objetivos finais do movimento.

Depois de ter avaliado as realizações passadas do sionismo, o grupo agora focalizará a seguinte questão: quais deverão ser as metas do sionismo no século XXI? Leia os trechos de Hillel Halkin, Shlomo Avineri, Arnold Eisen e David Breakstone junto com o grupo (pág. 67-68).

- ↘ Halkin argumenta que o sionismo tem sido sempre a negação da diáspora e que o único lugar que pode garantir um futuro judeu é Israel. Como tal, a meta do sionismo é e deve ser a aliá.
  - ↘ Avineri acredita que Israel serve como um foco de valores e identidade para o mundo judeu, algo que somente pode ser realizado se oferecer um desafio radical à cultura judaica da diáspora. A meta do sionismo é reforçar os valores de construção da nação e solidariedade comunitária em Israel e evitar que o Estado judeu se torne apenas mais uma sociedade de consumo.
  - ↘ Para Eisen, sionismo significa reconhecer a interdependência dos judeus de Israel e da diáspora e aprofundar a compreensão entre estas comunidades e o compromisso uma com a outra.. Isto deve ser realizado através de um processo comum de adoção significativa das idéias da tradição e do povo judeu.
  - ↘ Breakstone mantém que o sionismo nunca foi apenas sobre território e segurança, mas também sobre a formação de uma sociedade ideal. Ele sugere que a preocupação anterior evitou que o movimento tenha perseguido uma visão maior, e convoca agora para o surgimento de um “sionismo positivo”, que ele vê como uma co-responsabilidade dos judeus tanto de Israel como da diáspora.
6. Depois de esclarecer todas as quatro posições, leve o grupo a uma discussão, baseada nas seguintes perguntas:
    - ↘ O que atrai e o que preocupa você nas quatro visões apresentadas?
    - ↘ O que cada visão tem a dizer sobre a forma da sociedade e da cultura israelense?
    - ↘ Qual é a atitude de cada pensador sobre o judaísmo da diáspora? Como você reage a estas atitudes?
    - ↘ Quais as responsabilidades que têm os israelenses e de judeus da diáspora na implementação de cada visão?

- ↘ De que forma as várias visões fazem você se sentir responsável como sionista? Que elementos fazem você se sentir marginalizado ou impossibilitado?
7. Atividade de conclusão: distribua cópias do Programa de Jerusalém adotado em 2004 (pág. 69) e peça a um participante para ler em voz alta. Peça a cada um dos participantes para escolher uma elemento da plataforma sionista que acha mais importante, significativo, problemático ou desafiador. Lidere os participantes numa discussão de alguns dos comentários feitos, e pergunte se existem outros elementos do sionismo que eles acham que deveriam ser incluídos no Programa de Jerusalém.

**Nota: Se o tempo permitir, o texto a seguir é oferecido como uma atividade alternativa de conclusão:**

*O Programa de Jerusalém adotado em 2004 se constitui numa mudança substancial do Programa de 1968 (pág. 70). O artigo de David Breakstone, “O Sionismo de Herzl: Um Negócio Não Findo” (pág. 72), oferece um ponto de vista de algumas das mudanças que foram feitas para assegurar que a Organização Sionista Mundial, fundada por Herzl há mais de 100 anos atrás, continue a ser relevante para um mundo judaico permanentemente em transformação.*

*Sugerimos que você distribua uma folha comparando os textos das versões de 1968 e de 2004 do Programa de Jerusalém (pág. 70), junto com “Razões para a Adoção de uma Plataforma Sionista Contemporânea” (pág. 71) e peça aos participantes para analisarem as diferenças entre as duas versões. (Você pode ajuda-los fazendo referências ao artigo indicado acima). Pergunte a eles o que acham da nova agenda sionista, e peça que avaliem como será internalizada pelo mundo judaico como um todo, e em especial na comunidade judaica da qual fazem parte.*

8. Finalmente, note que o sionismo não é apenas sobre idéias, mas também feitos. Baseado nas reações do grupo sobre o Programa de Jerusalém, peça a cada participante para considerar os passos reais e práticos que possam tomar, de forma individual ou coletiva, para avançar os objetivos do sionismo hoje.

## De “Metas do Sionismo Hoje” por Eliezer Schweid (1997)

### O Estado de Israel Atingiu Seus Objetivos?

Já foi dito que o sionismo está próximo de realizar pelo menos um de seus objetivos críticos, e na minha opinião esta reivindicação está bem provada. Se definirmos o sionismo como a doutrina política de Herzl, o Estado de Israel não atingiu este objetivo na época de seu estabelecimento, mas sim, está próximo a ele, em nossos dias.

Israel já é o maior centro judaico do mundo, e dentro de vinte anos ela será certamente o lar da maioria do judaísmo mundial. Os seguintes fatores farão com que isto aconteça:

- ↘ Israel acolherá imigrantes dos países da antiga União Soviética e poderá absorver imigrantes de outros lugares onde os judeus encontram em dificuldades.
- ↘ Israel é demograficamente saudável. Embora o crescimento da população judia não estar a par do crescimento da população palestina, ela de qualquer forma tem um crescimento natural, e a pirâmide etária de Israel é sólida. Há uma maioria de jovens e uma minoria de idosos.

Entre os judeus da diáspora, o oposto acontece. Sua população está rapidamente diminuindo em virtude da assimilação em casamentos mistos, o que nos Estados Unidos já passou a taxa de 50% dos matrimônios atuais. Além disso, os judeus da diáspora não demonstram um crescimento natural. Como na diáspora as famílias tem menos filhos, a pirâmide etária mostra uma maioria de judeus idosos e uma minoria de jovens.

Dentro de vinte anos, estas tendências de aumento da população judaica israelense e diminuição da população judaica da diáspora farão do Estado de Israel o maior, mais consolidado e mais estável centro judaico do mundo. Esta é uma realização impressionante.

- ↘ O processo da paz está levando a relações normais com os países da região. Se o processo tiver sucesso, o povo que habita Sião se encontrará vivendo num ambiente político saudável.

Em função destes fatores, entre outros, pode-se dizer que a visão política de Herzl foi realizada. A visão política de Herzl para os judeus da diáspora também foi realizada, pois ele acreditava que os judeus da diáspora, em virtude da existência de um Estado Judeu, viveriam sob condições de tolerância e segurança similares às que prevalecem na diáspora hoje. Lembrem que quando o Estado de Israel foi estabelecido, mesmo os judeus norte-americanos estavam longe de se sentir em casa. Daí, do ponto de vista político, que o sionismo atingiu seus objetivos.

*Fonte: O Imperativo Sionista: Uma Antologia do Pensamento Contemporâneo (OSM).*

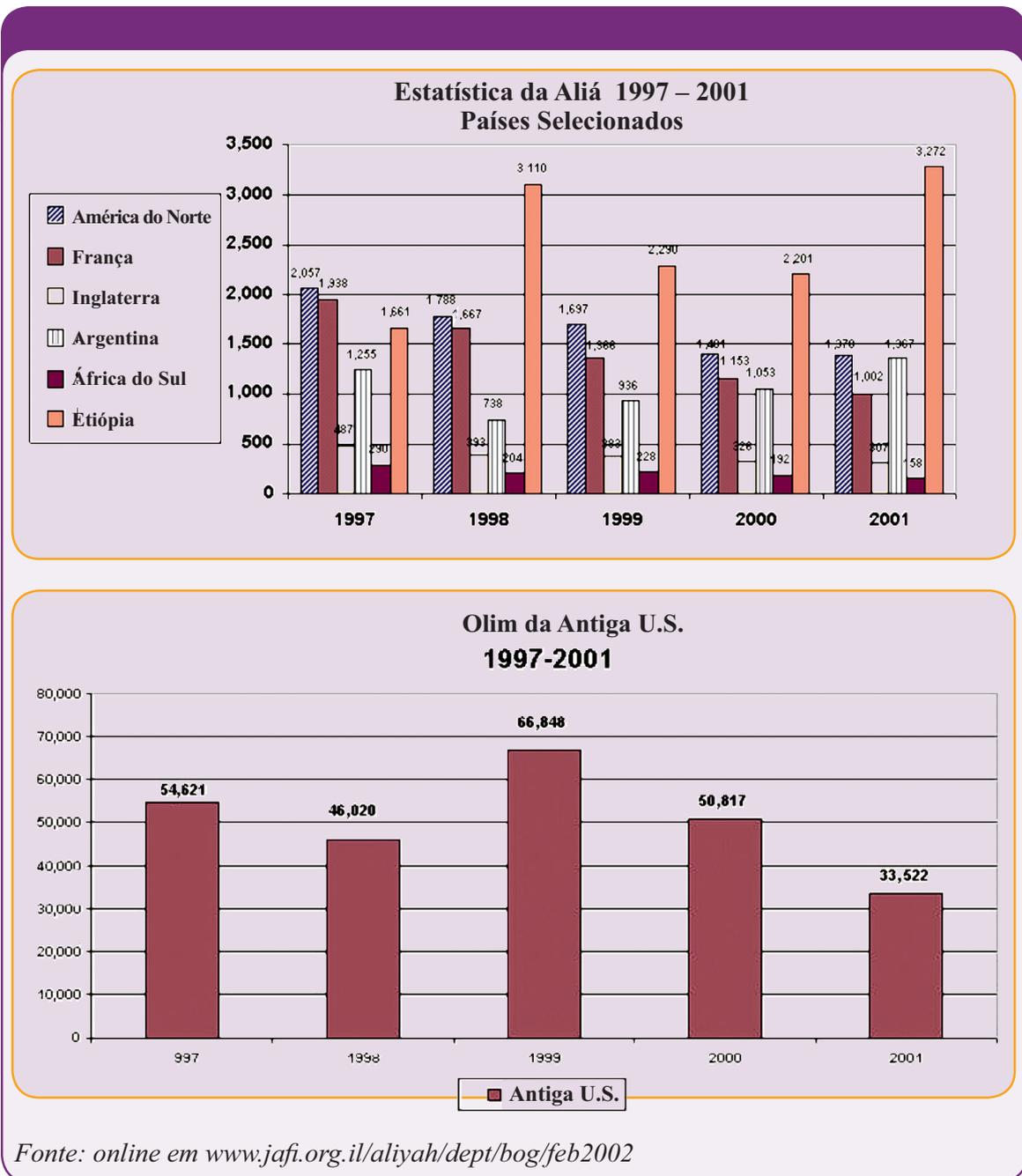
# G

## GRUPO 1

### ALIÁ E ABSORÇÃO

Estude os seguintes artigos e estatísticas e discuta as seguintes questões:

- ↳ Por que é a aliá importante para o Estado de Israel e para o povo judeu?
- ↳ Quantos *olim* chegaram em Israel nos últimos anos?
- ↳ Como você gradua o sucesso do Estado de Israel e do movimento sionista em atrair e absorver novos imigrantes?
- ↳ O sionismo atingiu seu objetivo de absorver imigrantes?



## “Resistência” – Histórias de Aliá Bem Sucedida

**Nome:** Avi (originalmente Arthur) Livne, 76 anos.

**Família em Israel:** Esposa, Batsheva (originalmente Beatrice), três de suas quatro crianças e seis netos, de 1 a 17 anos. Todos eles vivem em kibutzim. Cidade de origem: Brooklyn, Nova Iorque.

**Aliá:** Primeira vez em 1947, como voluntário em navios de imigração ilegal, incluindo como membro da equipagem do *Exodus*. Retornou aos Estados Unidos para estudar em 1953 e fez aliá novamente em 1977.

**Motivação:** “Porque eu era judeu – e ainda sinto o mesmo hoje”.

**Vida na diáspora:** “A vida era boa lá, especialmente quando penso que se meus avós não tivessem viajado para os Estados Unidos, eu teria nascido na Europa”.

**Residência em Israel:** Kibutz Barkai, perto de Hadera. Quatrocentos residentes, um “kibutz típico” que está passando por um processo de mudança da propriedade coletiva para a propriedade privada.

**Ocupação:** Agora aposentado, Avi era um executivo nos Estados Unidos e agora cria galinhas no kibutz.

**Rotina diária:** Trabalha no refeitório do kibutz três manhãs por semana, estuda história e arqueologia na Universidade de Tel Aviv duas vezes por semana, é um voluntário no Museu da Diáspora um dia por semana, mais freqüentes visitas aos filhos e netos.

**Shabat:** “Muito ocupado com todo tipo de coisa, como ouvir música clássica e usar o computador”.

**Intifada:** “Sinto uma grande tristeza por causa da intifada, tanto por nós como por eles. Estamos ambos enredados numa situação difícil e eu acredito que a maioria deles são boa gente”.

**A recessão:** “Somos parte da recessão mundial e quando os Estados Unidos sair dela, nós também sairemos”.

**Pontos altos da vida em Israel:** Família, o kibutz, a celebração das festas, especialmente *Tu Bishvat*, o Dia da Árvore (“Nunca tivemos a oportunidade de plantar uma árvore nos Estados Unidos”).

**Esperanças e sonhos:** “Que meus filhos e netos vivam em paz e segurança, com suas esperanças e aspirações na sua frente; que não tenham que se preocupar com o exército. Gostaria que fizéssemos a coisa certa para todos dentro de Israel, assim como para nossos vizinhos”.

**Nome:** Aaron Tobin, 17 anos

**Família em Israel:** Pais, três irmãs (de 15, 19 e 21 anos), avô. Cidade de origem: Boston, Massachusetts.

**Aliá:** Em 1986, com 5 meses.

**A motivação:** “Meus pais queriam que vivêssemos como judeus na Terra Santa. Estou contente que tenham assim decidido, porque tenho uma vida boa”.

**Vida na diáspora:** “Acho que tem maior significado viver como judeus em Israel. É a terra que nos foi prometida”.

**Residência em Israel:** “Efrat, uma grande vila no bairro Etzion, perto de Jerusalém, com “muitos americanos”.

**Ocupação:** Estudante em uma yeshivá em Kochav Hashachar, perto de Beit El, onde fica em dormitórios de domingo a quinta. Tem trabalho de meio período limpando a sinagoga.

**Rotina diária:** Acorda às 7 da manhã, reza, estuda das 8:30 até as 13:00 horas, e novamente das 15:00 às 17:00 horas. De noite, ele estuda, joga bilhar ou basquete e vai à sala do computador.

 Aaron vai para Jerusalém uma vez por semana (quando recebe permissão).

**Shabat:** Vai a sinagoga e encontra velhos amigos. Eles se encontram numa cabana que Aaron e um amigo construíram.

**Intifada:** “A única maneira verdadeira disto parar é você acreditar em Deus. É óbvio que matar todos os árabes, ou jogá-los para fora, não é uma opção e obviamente nós não podemos conviver com eles. Os políticos acham que existem soluções, mas não existe nenhuma idéia boa, então a única maneira é deixar tudo nas mãos de Deus”.

**A recessão:** “Cada vez que leio os jornais, fico com mau humor, então eu não sei bem o que está acontecendo. Mas agradeço pelas coisas que tenho e tento dar tanto quanto posso”.

**Pontos altos da vida em Israel:** “Tenho muitos bons amigos. É tudo muito aberto, ninguém me diz o que fazer, nem mesmo na minha escola”.

**Esperanças e sonhos:** “Espero chegar a um lugar bom no exército e fazer tanto quanto posso lá”.

**Nome:** Danya Cohen, 26 anos

**Família em Israel:** Uma tia e sua família, mais um primo. Cidade de origem: Columbia, Maryland (“Um lugar sereno para se viver, mas superficial”).

**Aliá:** Em 1999. A motivação: “Não foi planejada”. Ela estava voltando do trabalho para o movimento juvenil sionista *Habonim Dror*, na África do Sul, quando encontrou alguns ingleses do mesmo movimento juvenil, que estavam estabelecendo um kibutz de cidade, “Achei que deveria tentar”.

**Vida na diáspora:** “É muito boa – o tipo de vida que você não pode apreciar até vê-la do lado de fora”.

**Residência em Israel:** Ela é membro da “*Kvutsat Yovel*”, um pequeno núcleo coletivo em Migdal Ha'emek, uma cidade em desenvolvimento no norte de Israel. O grupo tem sete membros que moram em três apartamentos próximos um ao outro e partilham suas receitas e recursos e passam muito tempo juntos.

**Ocupação:** Redatora de pedidos de ajuda financeira de duas entidades árabes sem fins lucrativos: uma em Nazaré, que promove educação alternativa e outra em Haifa, que focaliza habitação e educação, mais coexistência entre judeus e árabes.

**Rotina diária:** Vai ao trabalho de ônibus (10 minutos a Nazaré, uma hora a Haifa). De noite, normalmente janta com o grupo, vai a reuniões ou encontra amigos.

**Shabat:** Participa da ceia de shabat e estuda a porção semanal da Torá com o grupo. Nos sábados, Danya relaxa, encontra amigos ou viaja.

**Intifada:** “É triste ver como elementos da sociedade israelense e palestina se tornaram mais entrincheirados nas suas opiniões e extremados nos seus pontos de vista, e que menos israelense são capazes de ver as conseqüências negativas da ocupação”.

**A recessão:** “É também algo triste que o governo escolheu vender seus próprios eleitores – na sua maioria a classe pobre e a classe média – cortando os programas de assistência social para estimular a economia e recompensar os ricos”.

**Pontos altos da vida em Israel:** O constante contato com temas políticos, a excitação e fazer parte da nação judia.

**Esperanças e sonhos:** “São tantos, mas em primeiro lugar, espero que o povo do Oriente Médio volte a sua razão logo”.

Fonte: “Resistência” por Charlotte Halle, Ha'aretz, 14/11/2003

## Imigração em Mergulho

*Michele Chabin – Correspondente em Israel*

*The Jewish Week*, 9 de janeiro de 2004 - [www.jewishweek.org](http://www.jewishweek.org)

Alguns acham que a queda na imigração deve preocupar, outros dizem que é uma coisa boa.

Jerusalém – Desde o último dezembro, quando o governo publicou seu relatório anual sobre a imigração, partes interessadas têm colocado seus próprios comentários sobre os números.

Visto por um aspecto, os números são de preocupar: cerca de 23 mil pessoas emigraram para Israel em 2003, uma queda dos 34 mil de 2002. Este é o número mais baixo desde o colapso da União Soviética no início da década de 1990, quando cerca de 200 mil pessoas por ano emigraram para Israel. Somente em 1988, quando vieram apenas 13 mil pessoas, o número de imigrantes foi tão baixo.

Mas existem os que dizem que qualquer imigração nesta hora é encorajadora, dada a situação econômica e de segurança no país. Estas 23 mil bravas almas decidiram colocar sua sorte com o povo israelense, dizem eles, demonstrando que Israel ainda é um lugar atrativo para se viver.

Aqueles que acreditam no “copo meio cheio” também notam o fato de que a aliá de muitos países ocidentais na verdade aumentou no ano passado, em especial da América do Norte.

Pela primeira vez desde o fim da década de 1960, quando judeus norte-americanos vieram em grande número para Israel depois do triunfo de Israel na Guerra dos Seis Dias, os olim americanos e canadenses representam um porcentual importante dos novos imigrantes, de acordo com um relatório recém publicado pelo Bureau Central de Estatística de Israel.

Dos 23 mil que fizeram aliá em 2003, cerca de 2 400 vieram da América do Norte, comparados com 2 000 no ano anterior.

“Você fala que o número de olim é baixo, mas você deve colocar isto do contexto”, pede Michael Jankelowitz, porta-voz da Agência Judaica, a organização israelense que incentiva a aliá.

“Desde a queda da cortina de ferro, 1,6 milhões de judeus deixaram a Antiga U.S.. Destes, um milhão fizeram aliá. Este era o maior reservatório para aliá e você não pode esperar que o número de olim seja o que era no começo da década de 1990”.

O fato de que milhares de imigrantes “escolheram fazer aliá apesar da intifada, apesar da situação econômica, é um grande sucesso para Israel e para o povo judeu”, diz Jankelowitz.

Ra’anan Gissin, um dos conselheiros do Primeiro Ministro, concorda. “Eu considero isto num sentido positivo”, diz ele. “Apesar da atual situação, a aliá continua. Você verá, quando a economia melhorar, este número será dobrado”.

Sem relação com as razões da queda, Larissa Remennick, uma especialista em aliá da Universidade Bar-Ilan, acredita que ela já está produzindo efeitos na frente demográfica.

“Os problemas demográficos em Israel estão piorando. É mais difícil conservar o equilíbrio entre judeus e não-judeus”, diz ela.

A imigração, diz Remennick, “tem sido a maior fonte de crescimento da população no lado judeu” durante o último quarto de século. O crescimento natural entre os judeus é menor do que entre os não-judeus, a população árabe”.

A única exceção: os judeus ortodoxos, que tendem a ter muitos filhos.

Remennick diz que o grande influxo de judeus russos teve também um grande impacto na cena religiosa e política local.

“A maioria absoluta não é religiosa e eles têm sido politicamente conservadores desde o início. Eles tendem a votar nos partidos do centro e da direita, como o *Likud* e *Israel Beiteinu*”.

Durante as últimas eleições nacionais, diz ela, “uma grande proporção dos russos votaram no *Shinui*”, um partido que teve muito sucesso com sua plataforma anti-religiosa e pró-secular. “Este

apoio reflete as posições de uma grande parte do eleitorado russo”.

David Rosenberg, um comentarista econômico, diz que a onda de imigração que iniciou em fins de 1989 e durou até a metade da década de 1990, “foi muito positiva para a economia a longo prazo. Ela trouxe uma força de trabalho muito educada e talentosa, trazendo também um aumento da demanda de produtos e habitação”.

A curto prazo, no entanto, a economia sofreu.

“Estes imigrantes não chegaram em Israel com trabalho”, nota Rosenberg. “O desemprego atingiu 12%. O país suportou o custo de sua absorção, do ensino de hebraico e de seu cuidado até entrarem no mercado de trabalho”.

Rosenberg enfatiza que a aliá russa “não aconteceu num vácuo. Ela ocorreu durante o processo da paz, quando novos mercados foram abertos”.

Se o influxo tivesse iniciado cinco anos antes, diz Rosenberg, “não está claro se a economia poderia tê-los acomodado”.

Rosenberg também não tem certeza que Israel possa absorver, digamos, 200 mil novos imigrantes por ano como no passado – se algo subitamente disparasse uma grande onda de aliá.

“A economia não está em muito bom estado agora. Não seria de muita ajuda ter mais e mais imigrantes atualmente. A taxa de desemprego já está muito alta. Os tipos de empregos disponíveis são de salário baixo, de trabalho não especializado”.

Como as coisas estão agora, diz Rosenberg, “pode ser preferível ter um imigrante pronto a limpar o chão do que um que escreve software”.

Apesar da falta de empregos na *high-tech* e em outros campos altamente especializados, mais de 2.000 norte-americanos decidiram mudar-se para Israel e tentar sua sorte.

“Estamos contentes por ter vindo”, diz Avi Levine, um técnico em computador de 30 anos e pai de quatro pequenas filhas. “Sonhamos em fazer aliá por muito tempo. Fora a economia e a intifada, este é o lugar para os judeus estarem”.

Graças a uma dose de idealismo, assim como uma ajuda de custo e outros suportes da organização de imigrantes *Nefesh BeNefesh*, a família Levine parece estar bem sucedida.

“Claro que há desafios”, diz Levine. “Ajudar as crianças a aprender uma nova língua. Se acostumar com novos produtos. Felizmente fizemos amigos logo e viemos com uma pequena reserva financeira, com a venda de nossa casa em Monsey”.

(C) 2000-2003 The Jewish Week, Inc. Todos os direitos reservados.

# G

## GRUPO 2

### DEMOGRAFIA JUDIA

**Estude os seguintes artigos e discuta as seguintes questões:**

- Em termos demográficos, que sucessos teve Israel e que desafios ela enfrenta?
- Os cidadãos árabes de Israel podem ser descritos como “um problema demográfico”: Por quê sim ou por quê não?
- Como pode Israel tentar tratar os seus temas demográficos?
- O sionismo atingiu seus objetivos demográficos?

#### Estudo demográfico judeu: A maioria dos judeus viverão em Israel

*por Jessica Steinberg*

Jerusalém, 14 de fevereiro de 2002 (JTA) – Daqui a trinta anos, a maioria dos judeus do mundo viverão em Israel, diz a Agência Judaica.

Esta projeção foi publicada como parte de um novo projeto de pesquisa da demografia judaica mundial, lançado esta semana pela Agência Judaica...

Entre as estatísticas publicadas pela Agência Judaica:

- A população judia mundial, atualmente 13,2 milhões, deverá atingir 15,6 milhões em 2080.
- Em algum tempo depois de 2030, Israel será o lar da maioria do judaísmo mundial. Isto será o resultado da alí e da diminuição das comunidades judaicas no exterior, devido à assimilação e baixas taxas de natalidade. Atualmente, 37% dos judeus do mundo vivem em Israel.
- A população judia da diáspora é mais velha do que a de Israel. De acordo com uma pesquisa de 1995, 27% da população de Israel tem menos de 14 anos, comparado com 17,6 % na diáspora. Apenas 11,5% da população judia de Israel tem mais de 65 anos, comparado com 18,5% na diáspora.
- Os casamentos mistos estão reduzindo o número de judeus porque apenas uma fração das crianças destes casamentos se consideram judeus.
- Em 2080, 81% das crianças judias com menos de 14 anos estarão vivendo em Israel.

“Dois dos mais sérios problemas para a demografia judaica são taxas de natalidade e casamentos mistos. Viver em Israel tem uma clara vantagem sobre a diáspora em ambos casos”, diz DellaPergola.

“Quando falamos de casamentos mistos, se o milhão de imigrantes que vieram da antiga União Soviética ao longo da última década tivessem ficado em seus países de origem, seria razoável assumir que 90% de suas crianças não seriam definidas hoje como judias,” disse ele.

Comentando sobre as conclusões de DellaPergola, o Ministro da Habitação Natan Sharansky disse na terça-feira: “A realidade destes números é que Israel é o lugar mais seguro para o futuro judeu, mesmo nestes tempos difíceis, quando judeus são assassinados quase todos os dias”.

Também comentando sobre estes números, o Tesoureiro da Agência Judaica Chaim Chesler focalizou os imigrantes não –judeus que vieram a Israel, principalmente da antiga União Soviética.

Cerca de “275 mil novos imigrantes não são judeus de acordo com a *halachá* (lei judaica)”, disse Chesler. “Mas eles uniram seus destinos com o de Israel. Eles servem o exército e pagaram com sangue um alto preço no curso de ataques terroristas”.

Chamando o tema de seu status como não-judeus uma “bomba social de tempo”, Chesler pediu ao Rabinato Ortodoxo encontrar uma solução “tolerante” que “permitirá a quem assim desejar se tornar parte do povo judeu”.

## Demógrafo: A Terra Santa já tem uma maioria não-judia

*Ha'aretz*, 12 de setembro de 2003

Um demógrafo da Universidade de Haifa disse na terça-feira que já há uma maioria de não-judeus dentro da área total de Israel, a Margem Ocidental e a Faixa de Gaza.

O demógrafo Amnon Sofer disse que estimativas recentes do número de palestinos a serem fechados dentro do lado israelense do muro da Margem Ocidental são vastamente exageradas, e que não devem exceder a 30 mil.

“Nesta hora mesmo, dentro das terras ocidentais de Israel do mar (Mediterrâneo) até o (rio) Jordão, já existe uma maioria não-judia”, disse Sofer na Rádio de Israel...

Perguntado sobre a possível influência de uma futura imigração judia da França e de outros lugares, Sofer disse que a sociedade deve também levar em consideração a influência de uma crescente população da Terra Santa como um todo.

Mesmo se a premeditada imigração da França, Inglaterra e Bélgica não se materializar “dentro de 17 anos, cerca de seis milhões serão adicionados à população, a maioria deles palestinos pobres.

**"Este país está entrando num redemoinho demográfico-ecológico".**

## Netaniahu: Os árabes de Israel são uma ameaça demográfica real

*por Aluf Ben e Gideon Alon*

*Ha'aretz*, 18 de dezembro de 2003

O crescente problema demográfico de Israel não se origina nos palestinos, mas nos árabes de Israel, disse ontem o Ministro da Fazenda Benjamin Netaniahu.

Falando na Conferência de Herzliah sobre segurança, Netaniahu disse que Israel já se livrou do controle de quase todos árabes palestinos. Ele disse que não podia prever um futuro no qual “qualquer israelense de mente sã” tentasse fazer dos palestinos cidadãos israelenses ou “subjugados”. Os palestinos devem em todas as circunstâncias se auto-governar e administrar seus próprios negócios, disse ele.

“Se há um problema demográfico, e há, é com os árabes israelenses que permanecerão sendo cidadãos israelenses”, disse ele. A Declaração de Independência diz que Israel deve ser um Estado judeu e democrático, mas para assegurar que seu caráter judaico não seja engolfado pela demografia, é necessário assegurar uma maioria judia”, disse ele.

“Se os árabes de Israel se tornarem bem integrados e atingirem 35%-40% da população, não mais haverá um Estado judeu, mas um Estado bi-nacional”, disse ele. “Se os árabes continuarem a perfazer 20% mas as relações continuarem tensas e violentas, isto prejudicará a vida democrática do país. Portanto, há necessidade de uma política que equilibre os dois”.

“A economia é o fator singular mais importante que leva os judeus a emigrar para Israel”, disse ele. “Fico furioso quando vejo que por causa de baixas taxas de impostos em Moscou, há agora um fluxo de capital para lá. Se quisermos que os judeus venham para cá, necessitamos de uma economia florescente e dinâmica. Se quisermos que os árabes israelenses se integrem, necessitamos de uma economia florescente e dinâmica”.

Ele disse que era necessário melhorar o padrão da educação, especialmente para os cidadãos árabes. Netaniahu disse que o “muro de separação” iria também evitar uma “enchente demográfica” de palestinos dos territórios.

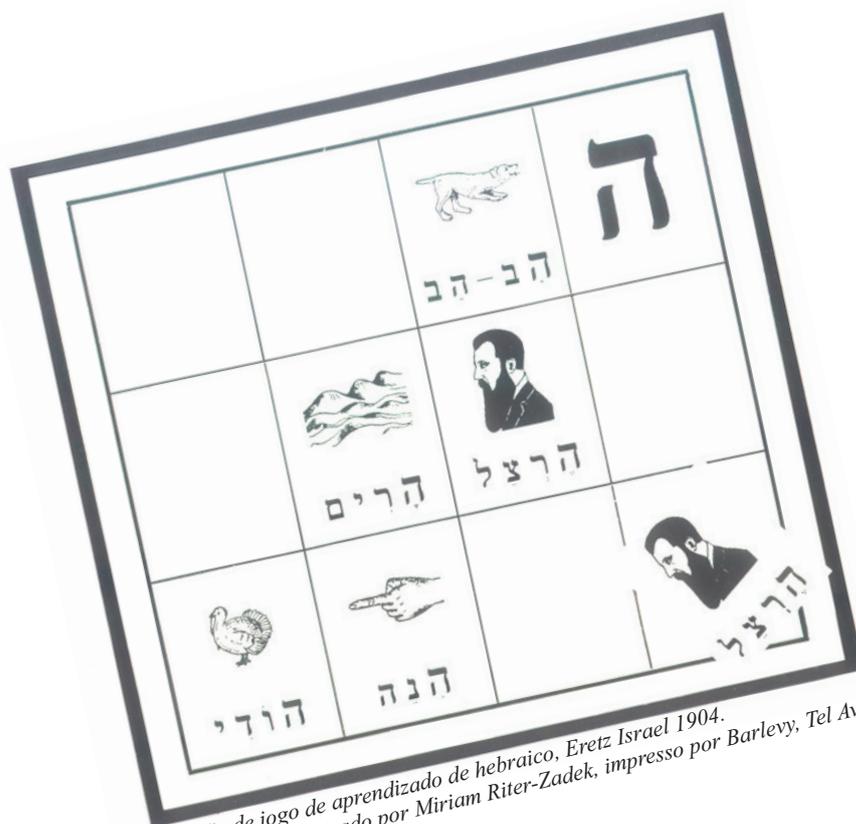
## Uzi Dayan: “Os cidadãos de um Estado não podem nunca ser uma ameaça demográfica”

Por Yair Ettinger

Ha'aretz, 19 de dezembro de 2003

A declaração do Ministro da Fazenda Benjamin Netanyahu, que a ameaça demográfica ao Estado “se focaliza nos árabes israelenses” continuou a ressoar em discursos na sessão de ontem da Conferência de Herzliah, organizada pelo Centro Interdisciplinar. A declaração de Netanyahu foi condenada por vários oradores durante a sessão dedicada ao tema da população árabe.

O Brigadeiro-General (reserva) Uzi Dayan, presidente do “Fórum de Responsabilidade Nacional”, se distanciou das palavras de Netanyahu, dizendo: “Os cidadãos de um Estado não podem nunca ser uma ameaça demográfica”. O Presidente da Comissão Árabe de Monitoria em Israel, Shwaki Hatib, adicionou que as declarações se constituíam numa “incitação selvagem”, “envenenavam” o debate público e deveriam “acender uma luz de alerta para toda a sociedade israelense”.



Cartão de jogo de aprendizado de hebraico, Eretz Israel 1904.  
Desenhado e ilustrado por Miriam Riter-Zadek, impresso por Barlevy, Tel Aviv.

# G

## GRUPO 3

### PAZ E SEGURANÇA

#### Estude os seguintes artigos e discuta as seguintes questões:

- ↘ Você é otimista ou pessimista sobre se a paz é uma possibilidade para o futuro próximo?
- ↘ Em que medida o futuro de Israel depende de chegar à paz com os palestinos?
- ↘ O sionismo atingiu seu objetivo de paz e segurança para o povo judeu?

#### Paz? Sem chances

Por Benny Morris

*The Guardian*, 21 de fevereiro de 2002

Em 2000, virando as costas para o processo de Oslo, (Yasser) Arafat rejeitou mais outro acordo histórico, oferecido por Barak em Camp David em julho e subsequentemente melhorado pelas propostas do Presidente Bill Clinton (endossadas por Barak) em dezembro. Em vez disso, os palestinos, em setembro, recorreram às armas e lançaram a atual mini-guerra ou intifada, que até agora tem resultado a morte de 790 árabes e 270 israelenses, e um cisma de ódio em ambos lados, a ponto de que a idéia de um acordo territorial-político está fora de cogitação.

...A liderança palestina, e com ela a maioria dos palestinos, negam o direito de Israel de existir, negam que o sionismo era/é uma empresa justa (Eu ainda tenho que ver mesmo um líder palestino com tendências à paz, como Sari Nusseibeh parece ser, se levantar e declarar: “O sionismo é um movimento legítimo de liberação nacional, como o nosso. E os judeus têm um direito à Palestina, como nós”. Israel pode existir, e ser demasiada poderosa, para ser destruída, presentemente. Pode-se reconhecer esta realidade. Mas isto não concede a ela a legitimidade. Daqui a repetida negação de Arafat nos meses recentes de qualquer conexão entre o povo judeu e a Terra de Israel/Palestina. “Que Templo?”, pergunta ele. “Os judeus são simplesmente ladrões que vieram da Europa e decidiram, por alguma razão inimaginável, roubar a Palestina e deslocar os palestinos”. Ele se recusa a reconhecer a história e a realidade da conexão judia de 3000 anos com a terra de Israel.

...Não acredito que Arafat e seus colegas têm a intenção ou querem a paz – apenas um contínuo corte do Estado judeu – e não acredito que emergirá uma solução bi-nacional permanente. Não acredito que Arafat seja capaz de concordar, realmente concordar, com uma solução na qual os palestinos conseguem 22%-25% da terra (um Estado na Margem Ocidental e Gaza) e Israel os 75%-78% remanescentes, ou abandonar o “direito do retorno”. Ele é incapaz de olhar seus eleitores, os refugiados no Líbano, Síria, Jordânia e Gaza diretamente e dizer a eles: “Assinei o abandono de seus direitos, suas esperanças, seus sonhos”.

E ele provavelmente não vai querer. Acredito, finalmente, que o equilíbrio da força militar ou a demografia da Palestina, significando a discrepância entre as taxas de natalidade nacional, determinarão o futuro do país, e ou a Palestina se tornará um Estado judeu, sem uma substancial minoria árabe, ou ela se tornará um Estado árabe, com uma minoria judia gradualmente diminuindo. Ou ela se tornará um deserto nuclear, com nenhum dos dois povos tendo um lar.

## A paz é apenas uma questão de tempo

*Por Yair Hirshfeld*

Os acordos de Oslo não foram uma coincidência da História. Em termos práticos, as lideranças israelenses e palestinas finalmente concordaram que a violência só os levou mais fundo no problema. Em termos políticos, o Primeiro Ministro Yitzhak Rabin e o Presidente Yasser Arafat necessitavam da legitimidade de um acordo. Em termos conceituais, os acordos de Oslo, assinados em setembro de 1993, tinham sido concebidos 15 anos antes, em setembro de 1978, quando o Primeiro Ministro Menachem Begin e o Presidente Anwar Sadat assinaram os acordos de Camp David...

Negociações fracassadas podem ter grande relevância histórica, pois elas seguidamente produzem conceitos e idéias que mostram o caminho para a resolução de conflitos. As propostas de Clinton sugeriam a devolução de 97% dos territórios da Margem Ocidental e Gaza ocupados em 1967, um plano compreensivo para tratar do tema dos refugiados palestinos e a divisão de Jerusalém em uma cidade judia e uma cidade palestina.

O mapa da estrada, desenhado quase dois anos depois, apoiado pelo governo americano, a União Européia, Rússia e as Nações Unidas, previa três estágios para se chegar lá. Primeiro, um fim à violência e a criação da estabilidade; segundo, o estabelecimento de um Estado palestino com fronteiras provisórias; e terceiro, uma tentativa de conseguir um acordo compreensivo de paz.

Na primavera de 2002 em Beirute, uma conferência de cúpula árabe concordou sobre um plano complementar que poderia levar à paz entre Israel e todos os 22 Estados árabes, se o mapa da estrada e as propostas de Clinton fossem postos em prática.

Até o momento, cada lado ainda tem receios de que o outro lado tente engana-lo. Mas no lado israelense, a maioria dos tabus que impediam um acordo permanente tinham sido quebrados. A OLP tinha sido reconhecida, uma maioria de israelenses apoiava a solução de dois Estados, a partilha de Jerusalém não é mais um tabu, e o entendimento sobre arranjos territoriais é de que eles estarão baseados na linha de 4 de junho de 1967, com uma troca equilibrada de territórios. Não há certeza que os tabus tenham sido quebrados no lado palestino. Para se chegar a um acordo, o lado palestino deverá reconhecer que o povo judeu tem o direito de exercer o direito de auto-determinação em Israel. Sobre o tema dos refugiados, na busca comum por uma solução justa, ambos lados terão que reconhecer que o direito de retorno do povo palestino deverá ser exercido no seu Estado palestino, enquanto que o direito de retorno do povo judeu deverá ser ao Estado de Israel.

Qualquer estudioso de história sabe que no momento em que tanto o povo israelense como o povo palestino concordam conceitualmente sobre as linhas mestres de um acordo de paz, chegar lá é apenas uma questão de tempo e de arquitetura política.

Na minha opinião, todos devemos concordar que chegou a hora de redobrar nossos esforços e chegar lá tão cedo quanto possível.

Fonte: [www.bitterlemons.org](http://www.bitterlemons.org) 8/9/03

# Os objetivos do sionismo: quatro visões

## 1. Hillel Halkin

As mesmas crenças sionistas clássicas que justificaram a moderna colonização judaica na Palestina, e que justificaram o estabelecimento de um Estado judeu, justificam este país até hoje. Elas são tão simples que podem ser apresentadas como um silogismo ordinário:

1) É natural para um judeu comprometido com seu judaísmo procurar perpetuar a vida judaica para ele mesmo e para seu povo. 2) Por razões históricas objetivas, a vida judaica na diáspora está condenada; e inversamente, tal vida tem um futuro possível apenas numa comunidade judaica autônoma ou politicamente soberana, vivendo em sua própria terra, ou seja, o Estado de Israel. 3) Portanto, é natural para um judeu comprometido com seu judaísmo deseje viver apenas em Israel...

Devo confessar que às vezes, quando penso sobre estas coisas, o peso da realidade habitual cai perante meus olhos, sou forçado a piscar atônito: aqui, de um lado, depois de dois mil anos, está o milagre de um Estado judeu renascido, e aqui, de outro lado, estão milhões de pessoas na diáspora dizendo que são judeus comprometidos, procurando mesmo, seguidamente com alto preço e inconveniência para si próprios, viver como tal, mas ao mesmo tempo rejeitando a oportunidade de partilhar daquele milagre e tomar parte na sua luta para sobreviver. Será possível?

*Fonte: Cartas a um Amigo Americano, Jewish Publication Society, 1977.*

## 2. Shlomo Avineri

Israel pode continuar a ser o foco normativo para os judeus do exterior apenas se for diferente da vida judaica na diáspora. Se Israel se tornar apenas um reflexo da vida na diáspora, se ela se tornar, por exemplo, apenas outra sociedade ocidental de consumo, então ela perderá sua singular identificação para o mundo judaico...

O sionismo foi uma revolução contra a maré da vida judaica, que empurra tantos judeus, exatamente por causa da determinação e esforços adquiridos para se sobrepujar às suas adversidades, a procurar por ocupações relativamente limpas e fáceis, do que confrontar o desafio de construir uma sociedade nacional, cujo significado é uma responsabilidade geral e não apenas o cuidado de si próprio e dos seus...

Portanto, o sionismo não tem no final nenhuma chance a não ser que continuamente revolucione a vida judaica em Israel e pare de coagular nos moldes históricos tradicionais de comportamento social e econômico. Israel pode, portanto, continuar a longo prazo sendo o centro normativo do judaísmo mundial apenas se permanecer sendo uma sociedade diferente da sociedade judaica na diáspora: a luta para manter esta diferença terá que continuar sendo a faceta central de uma revolução sionista permanente.

*Fonte: A Construção do Sionismo Moderno, Basic Books 1981.*

### 3. Arnold Eisen

Os judeus norte-americanos provavelmente nunca se preocuparão profundamente com os judeus de Israel e vice-versa (exceto em momentos de emergência, quando a dependência mútua fica clara) a não ser que ambas comunidades possam se interessar sobre a nação judia e sua tradição... Precisamos construir e fortalecer diversas comunidades da Torá: grupos de judeus unidos um ao outro por laços de obrigações tangíveis, dentro de um diálogo sério de vários tipos com a história e as tradições judaicas...

Estas são as atividades às quais de agora em diante eu daria o nome de sionismo: esforços feitos pelo povo judeu em Israel e na diáspora que unem os judeus, onde quer que estejam, a Israel e que permitam a todos os judeus que o quiserem vir e construir o Estado Judeu...

Israel continua a ter incalculável importância para o florescimento político e cultural dos judeus da diáspora – e, arriscaria dizer, o reverso é o caso também. Ser um sionista significa, para mim, reconhecer nossa interdependência, e agir sobre ela – argumentando durante todo o tempo, por amor dos céus não menos do que por Sião – sobre como o Estado judeu deve ser judeu e qual o estado do sionismo no Estado que o sionismo fundou.

*Fonte: "O Estado do Sionismo, o Estado Judeu" em Sionismo: a Seqüela, Hadassah 1998.*

### 4. David Breakstone

...Falhamos em apresentar um desafio sionista – um imperativo sionista – apropriado para uma época de prosperidade, tranquilidade e paz. Todos sabíamos o que era o sionismo quando estava para assegurar e depois proteger um lar nacional judaico. Estes pontos básicos foram atingidos. O sionismo tem, para muitos, se tornado passé, e para outros, literalmente algo do passado...

Mas (esta) posição pós-sionista está fundamentalmente errada. Seu erro básico é sua premissa de que a causa racional do sionismo era a criação de um porto seguro para judeus perseguidos. Mesmo que este conceito tenha realmente sido fundamental ao movimento, ele nunca foi seu único propósito, e nem a articulação de suas aspirações mais nobres. Os pós-sionistas percebem a aparição do sionismo contra um pano de fundo que é demasiado estreito, e também completamente negativo: antisemitismo, pogroms e os desapontamentos sobre a emancipação. Eles essencialmente não percebem a dimensão positiva do pensamento sionista, que tem sido tão central ao movimento desde seu início – a paixão para criar uma “*chevrat mofet*”, uma sociedade modelo. É neste ponto de vista mundial, o que eu chamaria de sionismo positivo, oposto ao sionismo de crise que... oferece uma visão da vida judaica e não apenas uma solução ao problema judaico, e portanto, continua a fazer do sionismo algo vital, contemporâneo, interessante e atrativo.

*Fonte: "Do Sionismo de Crise ao Sionismo Positivo", Ha'aretz, 5 de novembro de 2003.*

## O Programa de Jerusalém

Sionismo, o movimento de liberação nacional do povo judeu, iniciado com o estabelecimento do Estado de Israel, que vê um Estado de Israel Judeu e Sionista como a expressão de responsabilidade comum do povo Judeu pela sua continuidade e futuro.

As metas do sionismo são:

1. A unidade do povo judeu, sua ligação a sua pátria histórica Eretz Israel, e a centralidade do Estado de Israel e de Jerusalem, sua capital, na vida da nação;
2. A Aliá a Israel de todos os países e a integração eficaz de todos os imigrantes na Sociedade Israelense;
3. Reforçar Israel como um Estado democrático, sionista e judaico tornando ele uma sociedade exemplar com um singular caráter moral e espiritual, marcado por respeito mútuo pelo multi-facetado povo judeu, enraizado na visão dos profetas, lutando pela paz e contribuindo para a melhoria do mundo;
4. Assegurar o futuro e a singularidade do povo judeu ao avançar a educação judaica, hebraica e sionista, fomentando os valores espirituais e culturais judaicos, e ensinando o hebraico como a língua nacional;
5. Estimular a responsabilidade mútua, defendendo os direitos dos judeus como indivíduos e como uma nação, representando os interesses sionistas nacionais do povo judeu, e lutando contra todas as manifestações de antisemitismo;
6. Determinar o país como expressão de sionismo prático.

Adotado como plataforma oficial da Organização Sionista Mundial no Conselho Geral Sionista, junho de 2004.

## Comparação entre o Programa de Jerusalém adotado em 1968 e 2004

Programa de Jerusalém 1968	Programa de Jerusalém, 2004
As metas do sionismo são:	Sionismo, o movimento de liberação nacional do povo judeu, iniciado com o estabelecimento do Estado de Israel, que ve um Estado de Israel Judeu e Sionista como a expressão de responsabilidade comum do povo Judeu pela sua continuidade e futuro.  As metas do sionismo são:
A unidade do povo judeu e a centralidade de Israel na vida judaica	A unidade do povo judeu, sua ligação a sua pátria histórica Eretz Israel, e a centralidade do Estado de Israel e de Jerusalém, sua capital, na vida da nação;
A reunião do povo judeu na sua pátria histórica, Eretz Israel, através da <i>aliá</i> de todos os países	A <i>Aliá</i> a Israel de todos países e a integração eficaz de todos imigrantes na Sociedade Israelense;
O fortalecimento do Estado de Israel, que está baseado na visão profética de justiça e paz	Reforçar Israel como um Estado democrático, sionista e judaico tornando ele uma sociedade exemplar com um singular caráter moral e espiritual, marcado por respeito mútuo pelo multi-facetado povo judeu, enraizado na visão dos profetas, lutando pela paz e contribuindo para a melhoria do mundo;
A preservação da identidade do povo judeu através do fomento da educação judia e hebraica e dos valores espirituais e culturais judaicos	Assegurar o futuro e a singularidade do povo judeu ao avançar a educação judaica, hebraica e sionista, fomentando os valores espirituais e culturais judaicos, e ensinando o hebraico como a língua nacional;
A proteção dos direitos judaicos em todos os lugares.	Estimular a responsabilidade mútua, defendendo os direitos dos judeus como indivíduos e como uma nação, representando os interesses sionistas nacionais do povo judeu, e lutando contra todas as manifestações de antisemitismo;
	Determinar o país como expressão de sionismo prático
<i>Adotado no 27º Congresso Sionista, Junho de 1968.</i>	<i>Adotado no Conselho Geral Sionista, Junho de 2004.</i>

## Razões para a Adoção de uma Plataforma Sionista Contemporânea\*

**Considerando** que a idéia e o imperativo sionista desenvolveram-se durante os anos em resposta às circunstâncias variáveis no mundo judaico, e como estas circunstâncias se transformaram significativamente desde 1968, quando a plataforma do movimento sionista foi revisada pela última vez, e

**Considerando** que o sionismo continua a sofrer ataques tanto dos que rejeitam suas premissas básicas (anti-sionistas) e dos que argumentam que ele cumpriu seu mandato com a fundação do Estado judeu (pós-sionistas), e

**Considerando** que a visão sionista tem sempre incluído a criação de uma sociedade judia exemplar (*chevrat mofet*) na histórica pátria judaica e o desenvolvimento de uma vibrante cultura nacional ancorada na herança judaica, além do estabelecimento de uma pátria segura para o povo judeu, e

**Considerando** que estes desafios continuam de forma tão real e significativa hoje como sempre, requerendo que o movimento sionista continue a ser um movimento vital e relevante com a participação ativa de todo o povo judeu, e

**Considerando** que o sionismo é a responsabilidade da comunidade judaica em Israel não menos do que a responsabilidade do povo judeu na diáspora, e

**Considerando** que a atual plataforma sionista – o Programa de Jerusalém de 1968 revisado – não apresenta o sionismo em termos amplos e inclusivos necessários para engajar os judeus em todo o mundo, incluindo Israel, no espectro contemporâneo das tarefas sionistas, e

**Considerando** que a atual plataforma sionista não contém uma direção suficiente para a expressão concreta das responsabilidades sionistas,

**Fica resolvido** que a Organização Sionista Mundial adota a proposta plataforma sionista em lugar do atual Programa de Jerusalém, ratificado em 1968.

\* Apresentado pelo *Mercaz Mundial* no 34º Congresso Sionista, 2002

## O Sionismo de Herzl: Um Negócio Não Findo

Por David Breakstone

“Aqueles dentre nós que estão preparados para colocar nossas vidas em perigo pela causa sionista lamentariam terem levantado seu dedo se fossemos capazes de organizar somente um novo sistema social e não um mais justo”, declarou Theodor Herzl há mais de um século atrás. O visionário do Estado judeu, que por um erro, foi freqüentemente compreendido como interessado apenas com a busca de uma solução política e territorial para a “questão judaica”, foi também um advogado apaixonado pela formação de uma sociedade utópica na Terra de Israel. O sionismo, estava convencido, traria não apenas o fim do anti-semitismo ao fazer desaparecer a anomalia do exílio judeu, mas também faria nascer uma comunidade caracterizada por justiça social, igualdade de oportunidades e uma justa distribuição de recursos.

Infelizmente, não podemos escapar da conclusão de que Herzl estava errado em ambos os casos. Os judeus ao redor do mundo estão enfrentando uma virulenta onda de antisemitismo numa escala não testemunhada desde o Holocausto. E a sociedade israelense está repleta de problemas bastante sérios para que sejam considerados como problemas típicos de qualquer democracia ocidental.

Mas o fato de que sua profecia até agora não foi concretizada não diminui sua relevância e nem seu poder de inspiração. Apenas dois meses antes de falecer, Herzl entregou às futuras gerações um testamento ético que permanece pertinente hoje como o foi há um século atrás. “Eu firmemente acredito que mesmo depois de possuírmos nossa terra, o sionismo não cessará de ser um ideal”, escreveu ele. “Pois o sionismo inclui não apenas o anseio por uma porção da terra prometida, legalmente adquirida para nosso povo cansado, mas também o anseio por uma realização moral e espiritual”.

Não há melhor maneira de honrar o pai do Estado judeu no centenário de sua morte do que interiorizar o significado destas palavras. Foi contra este pano de fundo que o encontro de junho do Conselho Geral Sionista em Jerusalém tornou-se tão importante. Rededicando-se aos ideais de seu fundador, a Organização Sionista Mundial reformou sua plataforma, o Programa de Jerusalém, e fazendo isto, estabeleceu uma agenda para o movimento sionista que é tão contemporânea como a tradicional de uma forma refrescante.

**No centro do revisado Programa de Jerusalém está uma nova plataforma declarando de forma explícita que o sionismo é sobre *formar* o Estado judeu, e não apenas o *defender*.** Se até agora a OSM estava preocupada em fundar Israel e garantir sua sobrevivência, ela agora determinou que deve também preocupar-se com o caráter da sociedade israelense. Numa extraordinária expressão de solidariedade e singularidade, os mais de 160 delegados de 28 países prestaram juramento unânime para “reforçar Israel como um Estado democrático, sionista e judaico tornando ele uma sociedade exemplar (*chevrat mofet*) com um singular caráter moral e espiritual, marcado por respeito mútuo pelo multi-facetado povo judeu, enraizado na visão dos profetas, lutando pela paz e contribuindo para a melhoria do mundo (*tikun olam*)”.

**O velho-novo Programa de Jerusalém também afirma pela primeira vez e para uma nova geração, que o sionismo é o “movimento de liberação nacional do povo judeu”.** Numa era em que outros de forma traiçoeira retratam o sionismo como um instrumento de ocupação e opressão, este é um importante lembrete da natureza verdadeira e da nobreza fundamental de seus propósitos.

**A plataforma também enfatiza a responsabilidade mútua que os judeus de Israel e os da diáspora têm em trabalhar juntos para assegurar sua continuidade e seu futuro comum.** Esta é uma mensagem importante para os israelenses e também para os judeus da diáspora, declarando que o sionismo não é apenas sobre viver em Israel e “colonizar o país como uma expressão do sionismo prático”, mas também sobre ações para satisfazer às necessidades do povo judeu em todo o mundo.

**Afirmar que estas necessidades – que tratam do bem-estar da vida judaica fora de Israel – são preocupações legítimas do movimento sionista, é outra inovação do novo Programa de**





**Jerusalém.** “Assegurar o futuro e a singularidade do povo judeu ao avançar a educação judaica, hebraica e sionista, fomentando os valores espirituais e culturais judaicos, e ensinando o hebraico como a língua nacional”, sugere um compromisso com a formação de uma cultura judaica nacional que transcende fronteiras territoriais. **O Programa de Jerusalém de 2004, então, articula um sionismo que não nega a vida judaica na diáspora.** Ele reafirma claramente a “centralidade do Estado de Israel e de Jerusalém, sua capital, na vida da nação”, mas adiciona uma referência aos “laços com seu lar histórico”, junto com a especificação de que o sionismo é também sobre “defender os direitos dos judeus como indivíduos e como uma nação... e lutar contra todas as manifestações de anti-semitismo”. Isto indica uma constante preocupação com a qualidade da vida judaica em todos os lugares.

Isto não quer dizer que a reunião dos exilados não é mais uma prioridade do movimento sionista. **“A aliá de todos os países” continua sendo uma plataforma essencial,** mas seu texto novo fala de uma “aliá de escolha” e uma “aliá do ocidente”, que foram recentemente o foco de campanhas da Organização Sionista Mundial e da Agência Judaica. Este foco renovado expressa um compromisso renovado com os princípios do sionismo clássico, que viver em Israel representa o pináculo da auto-realização judaica. Mas ele é também a expressão de um crescente reconhecimento de que há uma diminuição do reservatório de judeus em dificuldades fora de Israel, junto com uma nova compreensão da crescente ameaça demográfica à soberania judia no Estado de Israel. Parcialmente em reconhecimento desta realidade e parcialmente de uma evolução da consciência social, o novo Programa de Jerusalém, chama também pela “integração de todos os imigrantes na sociedade israelense”. **Tudo isto é essencial para salvaguardar outro princípio do sionismo, agora definido pelo Programa de Jerusalém, de “reforçar Israel como um Estado democrático, sionista e judaico”.**

O manifesto revisado é um testemunho, então, não apenas da contínua relevância dos sonhos de Herzl, mas também de uma determinação do movimento sionista que ele fundou para voltar-se às realidades emergentes. Pode ter passado um século desde a morte de Herzl, mas os temas que o preocupavam continua a existir no mundo judaico de hoje. O anti-semitismo ainda deve ser vencido, a assimilação e a ignorância continuam a ameaçar a vida judaica em todos os lugares, e a ordem social ideal que ele retratou na sua novela utópica *Velha Terra Nova* ainda deve surgir. Mas o velho-novo Programa de Jerusalém de 2004 se constitui numa inequívoca declaração de que nossa vontade de enfrentar estes desafios continua tão inabalável como sempre – e que de acordo com Herzl, deve ser um precursor de bons tempos que estão por vir.

*O Dr. Breakstone é um membro da Executiva Sionista e o chefe do Departamento para Atividades Sionistas da Organização Sionista Mundial. Uma versão condensada deste artigo apareceu no The Jewish Week de 16 de julho de 2004.*



Desenho gráfico: Estúdio “Shoshana Shahar” – Graidy R.  
Desenho da capa: “Big” Design



Um projeto do

**Museu e Centro Educacional Herzl**  
**Departamento de Atividades Sionistas**  
**Organização Sionista Mundial**

em conjunto com  
MELITZ – Centro de Educação Judaico Sionista

com o suporte do  
Keren Kayemet Lelsrael

**Idéia e Consultoria Educacional Superior**

Dr. David Breakstone, Chefe do Departamento de  
Atividades Sionistas, OSM

**Diretor do Projeto**

Ariella Zeevi, Diretora Geral, MELITZ

**Diretor Criativo e Gerente do Projeto**

Shira Steinitz, Diretora de Desenvolvimento Criativo,  
MELITZ

**Equipe Editorial**

Dr. David Breakstone, Steve Israel, Dr. David  
Mendelsson, Matt Plen, Shira Steinitz, Ariella Zeevi

**Consultor Especial**

Dr. Motti Friedman

**Consultores**

Ilan Rubin  
Diretor Geral, Departamento de Atividades  
Sionistas, OSM

Lifsha Ben-Schach  
Diretora de Serviços Comunitários  
Departamento de Atividades Sionistas, OSM

**Desenho e Produção**

Monica Katzman, Panorama Print Imaging  
Technologies, Jerusalém

# Herzl:

## **Pessoalmente e de Perto**

e m b u s c a d a v i s ã o S i o n i s t a

material educativo e didático complementares a mostra comemorativa itinerante do visionário do Estado Judeu, dando vida ao homem e aos ideais que o motivaram, e conduzindo o sionismo como a mais rica e convincente ideologia que é até os dias de hoje



Departamento de Atividades Sionistas  
Organização Sionista Mundial